25 Estudos Bíblicos Básicos

Incluindo

Dois conteúdos, Duas realidades

Francis A. Schaeffer

Prefácio de Udo W. Middelmann

25 Estudos Bíblicos Básicos

Incluindo
Dois conteúdos,
Duas realidades

Francis A. Schaeffer

Prefácio de Udo W. Middelmann

Copyright @ 1996, de L'Abri Fellowship
Publicado originalmente em inglês sob o título
25 Basic Bible Studies
pela Crossway Books – um ministério de publicações Good News Publishers,
Wheaton, Illinois, 60187, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

EDITORA MONERGISMO

Caixa Postal 2416
Brasília, DF, Brasil - CEP 70.842-970
Telefone: (61) 8116-7481 - Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2015

1000 exemplares

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella
Revisão: Felipe Sabino de Araújo Neto e Rogério Portella
Capa: Luís Henrique P. de Paula

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA),
salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO
INTRODUÇÃO
SEÇÃO UM: DEUS
- CAPÍTULO UM: O DEUS DA BÍBLIA
- CAPÍTULO DOIS: CRIAÇÃO

SEÇÃO DOIS: COMO DEUS LIDA COM O HOMEM
- CAPÍTULO TRÊS: DEUS E O HOMEM
- CAPÍTULO QUATRO: A GRAÇA DE DEUS (A)
- CAPÍTULO CINCO: A GRAÇA DE DEUS (B)
- CAPÍTULO SEIS: PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO SOBRE A VINDA DO MESSIAS
- CAPÍTULO SETE: CRISTO, O MEDIADOR (SUA PESSOA)
- CAPÍTULO OITO CRISTO, O MEDIADOR (SUA OBRA: PROFETA)
- CAPÍTULO NOVE: CRISTO O MEDIADOR (SUA OBRA: SACERDOTE)
- CAPÍTULO DEZ: CRISTO, O MEDIADOR (SUA OBRA: REI)
- CAPÍTULO ONZE: A HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO DE CRISTO

SEÇÃO TRÊS: SALVAÇÃO
- CAPÍTULO DOZE: SALVAÇÃO (COMO?)
- CAPÍTULO TREZE: JUSTIFICAÇÃO
- CAPÍTULO CATORZE: O NOVO RELACIONAMENTO (ADOÇÃO)
- CAPÍTULO QUINZE: O NOVO RELACIONAMENTO (IDENTIFICADO E UNIDO COM DEUS, O FILHO)
- CAPÍTULO DEZESSEIS: O NOVO RELACIONAMENTO (DEUS, O ESPÍRITO SANTO, HABITA NO CRISTÃO)
- CAPÍTULO DEZESSETE: O NOVO RELACIONAMENTO (A IRMANDADE DOS CRENTES)
- CAPÍTULO DEZOITO: NUNCA MAIS PERDIDO
- CAPÍTULO DEZENOVE: SANTIFICAÇÃO (A)
- CAPÍTULO VINTE: SANTIFICAÇÃO (B)
- CAPÍTULO VINTE E UM: SANTIFICAÇÃO (C)
- CAPÍTULO VINTE E DOIS: GLORIFICAÇÃO NA MORTE
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS: GLORIFICAÇÃO NA RESSURREIÇÃO

SEÇÃO QUATRO: AS COISAS DO FUTURO
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO: O MUNDO EXTERNO E O POVO DE DEUS
- CAPÍTULO VINTE E CINCO: OS PERDIDOS

PARTE DOIS: DOIS CONTEÚDOS, DUAS REALIDADES
- PREFÁCIO DO EDITOR AMERICANO
- CAPÍTULO UM: SÃ DOUTRINA
- CAPÍTULO DOIS: RESPOSTAS HONESTAS PARA PERGUNTAS HONESTAS
- CAPÍTULO TRÊS: VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE

CAPÍTULO QUATRO: A BELEZA DOS RELACIONAMENTOS HUMANOS
SOBRE O LIVRO:

PREFÁCIO

Você provavelmente conhece alguém como o dr. Otten ─ um médico de família com uma vida muito ocupada devido a ligações telefônicas para sua casa e visitas hospitalares. Sua vida era interrompida por interrupções. No verão e no inverno ele dirigiria com bastante velocidade, descendo os estreitos vales suíços, permeados de vilas e fazendas isoladas, em resposta a emergências médicas. Algumas vezes ele permaneceria após atender à família, para discutir questões sobre vida e morte. Ele era um homem com interesses mais do que clínicos, um homem com uma educação mais ampla do que a característica em um vale montanhoso distante. Como muitas pessoas modernas, ele jamais havia sido exposto ao cristianismo — exceto no nível religioso superficial, que raramente interessa uma pessoa educada com perguntas a serem respondidas.

Os *25 estudos bíblicos básicos*, de Francis Schaeffer, foram escritos inicialmente para o dr. Otten no começo da década de 1950, para ajudá-lo a entender o ensino simples e óbvio da Bíblia. Mais tarde eles foram traduzidos para o alemão, italiano e holandês, e copiados em um velho mimeógrafo Gestetner. Em pouco tempo eles se tornaram um pequeno livreto que poderia ser entregue a qualquer um que desejasse saber mais sobre os ensinos do cristianismo.

Dr. Otten era ocupado demais para ler a Bíblia toda. Talvez também os relatos, a poesia e a história da Bíblia lhe fossem alheias. Todavia, ele queria saber o que a Bíblia ensinava. Queria entender a cosmovisão ou o sistema de pensamento apresentado nela.

Eu também entrei em contato com o cristianismo por meio desse livreto. Presumia que a fé contrastasse com o entendimento, e que o cristianismo, portanto, era só para pessoas com "necessidades religiosas". Mas quando abri os *25 estudos bíblicos básicos*, descobri para minha surpresa uma apresentação estruturada do ensinamento bíblico. Os estudos cobriam os vários temas que eu havia associado ao cristianismo, mas sobre os quais não tinha nenhuma noção clara. Debrucei-me sobre esses capítulos noite após noite, apenas para descobrir que havia ordem, coerência e verificação na Bíblia. Em vez de uma vaga busca para encontrar a Deus, encontrei uma explicação abrangente do tipo de universo que vivemos como seres humanos.

Estes estudos não têm a intenção de serem lidos em busca do "significado pessoal" que possam ter para o leitor. Em vez disso, o dr. Schaeffer reuniu as passagens da Bíblia em cada capítulo ao redor de um determinado tema, a fim de delinear a visão bíblica do mundo. Capítulos diferentes, por exemplo, apresentam o que a Bíblia diz sobre Deus e o homem, a realidade e as falsas visões, sobre o pecado e a redenção, a

história e as nossas responsabilidades. À medida que as passagens de cada capítulo são estudadas, as questões filosóficas e pessoais básicas que homens e mulheres têm levantado por milênios são respondidas a partir da Bíblia.

Os estudos são direcionados às pessoas não interessadas simplesmente em "serem religiosas", mas que desejam *saber* o que a Bíblia ensina. Eles levam a Bíblia ao mercado das ideias, de forma que qualquer um pode pesar a evidência e descobrir se o conteúdo da Bíblia fala sobre o mundo real, pessoas, problemas e soluções reais, e se ela é, portanto, acurada e crível.

Essa forma de apresentar o cristianismo reflete a própria mente do dr. Schaeffer. Mas esse tem sido também a parte central da obra de L'Abri — um lugar onde as pessoas sabem que podem receber respostas às perguntas que levantam de forma aberta, sem medo e com integridade. Para o dr. Schaeffer, a verdade do cristianismo não era uma "suposição", nem uma questão de "fé" cega. "Há só uma razão para ser cristão", ele dizia com frequência aos milhares que vieram até ele ao longo dos anos, "e ela é o fato de o cristianismo ser verdadeiro à realidade. Ele é a Verdade 'verdadeira'". Com esse jogo de palavras ele queria contra-atacar a sugestão existencialista e agora pós-moderna de que toda verdade é apenas uma "verdade pessoal" — nada além de uma jornada pessoal ou uma experiência pessoal com a fé, em vez de algo absoluto e eterno.

Dr. Otten e dr. Schaeffer não se tornariam cristãos com esse conjunto de suposições. Eles eram pessoas insistentes em algo diferente, em algo real. Eles queriam saber como entender o mundo real das coisas e ideias, de seres pessoais e propósito, como viver no mundo sendo honestos com a beleza e a tragédia do mundo natural e da existência humana.

Quando iniciar seu estudo dos capítulos deste livro, você será levado de volta ao princípio de todas as questões: O que é eterno? Vivemos em um universo com personalidade, ou é tudo parte de uma máquina cósmica? Deus é bom, mau ou indiferente? Como podemos saber algo? Esses e outros temas seriam tratados mais tarde pelo dr. Schaeffer, e de forma detida, em *O Deus que se revela*[1] e em outros livros. De fato, o apanhado sistemático de informação bíblica encontrado nesses estudos da Bíblia constitui o fundamento da totalidade do pensamento e da obra de Schaeffer.

A Bíblia não é um livro religioso — pelo menos não no sentido da religião como o esforço para vincular a vida de uma pessoa a um mundo particular de significado ou para resignar-se ao destino. Na Bíblia, como estes estudos mostram, somos confrontados com proposições sobre o mundo no qual vivemos, que podemos examinar à luz de nossas observações e determinar se são verdadeiras, adequadas e únicas. Somos levados à situação em que ocorre o verdadeiro encontro mental — à medida que a criatura reconhece com todo o ser a existência do Deus da Bíblia. E se,

por meio do estudo destes capítulos, essa for a sua resposta, sinta-se então encorajado a se prostrar diante de Deus em sentido *intelectual*, como criatura, e também em sentido *moral*, como pecador, e assim receber na obra do Jesus histórico o perdão moral e a esperança da vida eterna.

O desenvolvimento intelectual e espiritual do próprio dr. Schaeffer encontra expressão nestes estudos também. Ele não nasceu em uma família cristã. Ele estava a ponto de rejeitar o que sabia do cristianismo, mas decidiu ler toda a Bíblia antes de fazê-lo. À medida que lia, no entanto, ele descobriu que a Bíblia com suas proposições e descrições próprias abordava as questões fundamentais da existência — quer da forma declarada pelos grandes filósofos de todas as gerações ou como são discutidas de modo mais geral pelo homem na rua. Schaeffer descobriu que a Bíblia apresentava respostas reais e coerentes de forma estruturada e sistemática.

Você ficará satisfeito com a simplicidade dos estudos. Eles foram estruturados para que um versículo ou passagem da Escritura receba uma explicação muito breve. É útil ler os versículos que se encontram antes e depois da referência mencionada para descobrir seu contexto. Com cada passagem tratando de um tema específico em debate, a abordagem geral é perguntar: "O que a Bíblia diz sobre…?".

À medida que preenche as peças do quebra-cabeça, você se surpreenderá pela visão do todo — que revela um mundo novo e real de significado, beleza e direção moral. Você descobrirá que o cristianismo exige reconhecimento pela pessoa toda — mente e sentimentos — e que não há verdades individuais com significado religioso pessoal, apenas *a* Verdade do universo apresentada na Bíblia. E quando nos prostramos diante do Deus que se tornou conhecido a nós na linguagem da Bíblia e no Jesus da história, ele remove a tolice moral e intelectual do pecado de nós e concede de maneira maravilhosa a vida eterna.

— **Udo W. Middelmann**, presidente
The Francis A. Schaeffer Foundation
Agosto de 1995

INTRODUÇÃO

Os 25 estudos bíblicos básicos pretendem fornecer o entendimento de todo o sistema de ensino apresentado na Bíblia. Com muita frequência, quando as pessoas começam a estudar as Escrituras, elas não veem a relação de todas as suas partes. Contudo, uma das coisas maravilhosas sobre a Bíblia é sua unidade: assim, o estudo bíblico que não mantém essa unidade é uma perda real.

Portanto, cada lição deveria ser estudada com todo o sumário, de forma bem consciente, para que cada lição seja avaliada em relação ao ensino da Bíblia toda.

Os 25 estudos não têm o intuito de serem lidos como um livro. Se tivessem, um texto muito mais detalhado teria sido apresentado. Em vez disso, eles devem ser usados como um auxílio ao estudo da própria Bíblia. Quando alguém começar a percorrer os estudos, essa pessoa deverá ter o Antigo e Novo Testamento em mãos.

A melhor forma de usar os estudos é pegar cada referência da Bíblia, ler o versículo com cuidado, e então ler a declaração feita nos estudos a respeito do versículo. As declarações não pretendem ser explicações completas de nenhum versículo. Elas indicam um ponto específico ensinado no texto — no que concerne a como esse ponto específico se relaciona com o ensino dessa lição particular. Por exemplo, a primeira referência bíblica apresentada (Ef 1.4) contém em si muitas informações que não são mencionadas na declaração logo abaixo. Chama-se a atenção para apenas uma das coisas que Efésios 1.4 ensina: que Deus, sendo o Deus pessoal, pensa. Dessa forma, cada versículo deve ser analisado e considerado à luz da declaração que imediatamente o segue — não só como declaração isolada, mas à luz de toda a lição, e à luz do fluxo da unidade do ensino bíblico apresentado nos 25 estudos completos. A Bíblia não é um grupo de versículos desconexos. É uma unidade. E ela tem conteúdo que pode ser estudado como alguém estuda outros livros.

Estudada dessa forma, a Bíblia será vista contendo muitas coisas a dizer em resposta às perguntas que as pessoas da nossa geração fazem sobre o significado e o propósito da vida. Ela nos diz quem é o homem, seu propósito, a origem dos seus problemas e sua solução. Sem dúvida, este estudo é apenas o início para nos ajudar a começar a estudar a Bíblia. A Bíblia é uma unidade, e mais tarde deveremos lê-la toda e perceber a relação de cada parte com o conjunto. A unidade da Bíblia começa no princípio, Gênesis, e prossegue até o fim, o livro do Apocalipse.

O uso de versículos como eu fiz nos *25 estudos bíblicos básicos* tem um lado perigoso que deve ser reconhecido e do qual devemos fugir. O perigo é escolher certos "textos" isolados do contexto, e forçar todo o restante do ensino da Bíblia de acordo com nosso entendimento desse único texto. Isso é um perigo. Nenhum versículo pode fornecer toda a riqueza da Bíblia. Cada versículo deve ter tomado no contexto se

quisermos entendê-lo com correção. Cada versículo que estudamos conta com três contextos: 1) o contexto imediato; 2) todo o livro no qual o versículo está localizado, e isso inclui a consideração cuidadosa do propósito do livro; 3) toda a Bíblia e seu ensino. O ensino da Bíblia inteira nos dá uma série de balanços que nenhum versículo isolado pode dar. Isso requer o estudo cuidadoso da vida toda.

Contudo, à medida que usei os versículos tentei usá-los justamente — usando meu estudo, durante toda da vida, de toda a Bíblia, como o pano de fundo do uso de cada versículo como o usei aqui.

Dessa forma, os *25 estudos bíblicos básicos* são apenas isso: o ensino básico que abre a porta para a vida inteira de estudo da Bíblia. Com o sumário em mente à medida que você estuda, espera-se que os estudos lhe ofereçam a estrutura para entender a maravilha do fluxo da Bíblia toda, de Gênesis a Apocalipse. Então, a vida inteira de estudo cuidadoso e oração mostrará que os 25 estudos são apenas o começo. Penso, no entanto, que você considerará que levei em conta todo o ensino da Bíblia ao fazer uso dos versículos.

Ao realizar esses estudos, não é necessário fazer um estudo completo de uma vez só. Se desejar, pode-se gastar uma quantidade específica de tempo cada dia. Quando esse tempo for alcançado, simplesmente trace uma linha e comece naquele ponto no dia seguinte.

Meu conselho é que toda vez que fizer esses estudos, você fale com Deus e peça que ele lhe dê entendimento por meio do uso da Bíblia juntamente com o estudo. Se alguém que não crê na existência de Deus utilizar esses estudos, sugeriria a ele que dissesse audivelmente na quietude do seu quarto: "Ó Deus, se existe um Deus, quero saber se tu existes. Peço-te que eu esteja disposto a me prostrar diante de ti se tu existires".

— Francis A. Schaeffer

SEÇÃO UM: DEUS

CAPÍTULO UM: O DEUS DA BÍBLIA

O Deus da Bíblia é pessoal.

Efésios 1.4
Observe aqui que Deus tem um plano, que ele pensa.

Gênesis 1.1
Deus não pensa apenas. Ele age.

João 3.16
Deus não somente pensa e age, ele sente. O amor é uma emoção. Dessa forma, o Deus que existe é pessoal. Ele pensa, age e sente, três marcas distintivas de personalidade. Ele não é uma força impessoal, nem o tudo que inclui todas as coisas. Ele é pessoal. Quando fala conosco, ele diz "eu", e podemos lhe responder "tu".

Deuteronômio 6.4
O Antigo Testamento ensina que há só um Deus.

Tiago 2.19
O Novo Testamento também ensina que há só um Deus.

No entanto, a Bíblia também ensina que esse Deus único existe em três pessoas distintas.

Gênesis 1.26
"Façamos". Aqui é demonstrado que há mais de uma pessoa na Deidade.

Gênesis 11.7
Aqui novamente há uma ênfase sobre a existência de mais de uma pessoa na Deidade. Neste versículo, como em 1.26, as pessoas da Trindade estão em comunicação entre si.

Isaías 6.8
Novamente se vê a existência de mais de uma pessoa na Deidade.

Mateus 3.16, 17
Cada uma das três pessoas aparece com clareza aqui. Leia também Mateus 28.19; João 15.26 e 1 Pedro 1.2.

Mateus 9.2-7
Jesus Cristo reivindica o poder de perdoar pecados como direito natural, demonstrando assim que ele alega ser Deus.

Mateus 18.20
Jesus afirmou estar em todos os lugares ao mesmo tempo, outra reivindicação da divindade.

Mateus 28.20
Jesus se encontra em todo o espaço, e também está em todo o tempo.

João 5.22
Jesus Cristo é o Juiz de toda a humanidade. Só Deus pode fazer isso.

João 8.58
Jesus alegou existir antes do tempo de Abraão. Abraão viveu por volta do ano 2000 a.C.

João 17.5, 24
Jesus disse que ele vivia com o Pai e que o Pai o amava antes da criação do mundo.

2 Coríntios 5.10
Aqui mais uma vez somos informados de que Jesus julgará o mundo.

João 1.1-3
Os versículos afirmam que a pessoa chamada "o Verbo" [ou "a Palavra"] é Deus e fez todas as coisas. Os versículos 14 e 15 desse mesmo capítulo mostram que "o Verbo" [ou "a Palavra"] é Jesus Cristo.

João 20.28
Tomé afirma que Jesus é Deus.

Assim, a segunda pessoa da Trindade não é apenas distinta da primeira pessoa, mas é igualmente Deus.

Lucas 12.10, 12
Pensemos agora sobre a terceira pessoa da Trindade. Os dois versículos mostram que ele é Deus e uma pessoa tanto quanto a primeira e segunda pessoa da Deidade.

João 15.26
Novamente se diz que o Espírito faz algo que só uma pessoa pode fazer.

João 16.7-14
O Espírito, ou Consolador, é distinto da segunda pessoa e faz coisas que só uma pessoa pode fazer. O Espírito é "uma pessoa", não "um objeto".

Atos 8.29
Só uma pessoa pode falar.

Atos 13.2; 15.28; 16.6, 7
O Espírito Santo é uma pessoa.

Efésios 4.30
As passagens acima mostram que o Espírito Santo pensa e age; este versículo mostra que ele também sente.

2 Pedro 1.21
O Espírito Santo é a pessoa da Trindade que nos deu a Bíblia.

É central e importante para a fé cristã ter a mente esclarecidas a respeito dos atos concernentes à Trindade.

Gênesis 1.26; João 17.24
Comunicação e amor existiam entre as pessoas da Trindade antes da criação.

2 Coríntios 13.14
A obra de cada uma das pessoas é importante para nós. Jesus morreu para nos salvar, o Pai nos atrai a si mesmo e nos ama, e o Espírito Santo habita conosco.

Romanos 8.11, 14, 26, 27
O Espírito Santo é uma pessoa, e ele habita no cristão, o conduz e ora por ele quando o cristão não sabe o que orar sobre si mesmo.

CAPÍTULO DOIS: CRIAÇÃO

No estudo anterior, vimos que a Bíblia apresenta Deus como um, mas em três pessoas. Não se adora o Deus do cristianismo, a menos que se adore este Deus que é um, mas três pessoas. Da mesma forma, uma pessoa não adora o Deus do cristianismo como deveria a menos que reconheça o caráter soberano de Deus. Quando falamos da soberania divina, dois pensamentos estão em mente — a obra de criação e da providência. Quando falamos sobre a providência, queremos dizer a forma como Deus lida com o mundo agora. O estudo bíblico a seguir lida com o ensino da Bíblia sobre a criação.

Apocalipse 4.11
Deus criou todas as coisas por sua livre vontade. Ele não precisava criar. Antes da criação, o Deus trino permanecia completo, e havia amor e comunicação entre as pessoas da Trindade. Lê-se em Apocalipse 4.11: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas".

Colossenses 1.16, 17
Antes de Deus criar algo, ele habitava sozinho.

Salmo 33.9
Deus criou do nada. Criou mediante uma enunciação: ele falou e aconteceu.

Gênesis 1.1
A palavra "criou" aqui usada significa criar do nada. Deus criou a matéria do nada. Ele não modelou simplesmente a matéria pré-existente, ele a trouxe à existência. Não criou só o mundo, mas os céus e a terra — tudo que existe. Deus criou todas as coisas do nada. Elas agora têm existência objetiva; não são uma extensão de si mesmo ou de sua essência.

Gênesis 1.31
Após Deus criar todas as coisas, ele declarou que tudo era "bom". Todas as coisas eram boas como foram originariamente feitas. Não eram boas só de acordo com a avaliação humana, mas segundo o juízo absoluto de Deus.

Se Deus nos fez, então temos a responsabilidade de obedecê-lo.

SEÇÃO DOIS: COMO DEUS LIDA COM O HOMEM

CAPÍTULO TRÊS: DEUS E O HOMEM

Com este estudo começamos a considerar o que a Bíblia nos diz sobre a relação entre Deus e o homem.

Gênesis 2.7
Neste versículo somos informados de que Deus formou o corpo do homem do pó da terra. Contudo, o homem é mais que um corpo.

Gênesis 1.26
O homem foi criado à imagem de Deus. Essa é a glória do homem, e isso o distingue das outras criaturas. O que significa o homem ser criado à imagem de Deus? Bem, entre outras coisas, com certeza significa isso: o homem é moral. Ele pode fazer escolhas morais. Além disso, o homem é racional. Isso significa que ele pode pensar. Também quer dizer que o homem é criativo; descobriu-se que os homens em todos os lugares fazem obras de arte. Essa é a razão também pela qual o homem ama.

Gênesis 1.31
Como Deus criou o homem, o homem era bom, no corpo e na alma.

Gênesis 3.8*a*
Preste atenção à primeira parte do versículo. Nele o homem é apresentado em perfeita harmonia com Deus, de modo que o homem e Deus podiam andar juntos na viração do dia. Ao viver em concórdia com Deus, o homem também se encontrava em pleno equilíbrio com sua mulher, com a natureza e consigo mesmo. Não havia lugar para a personalidade dividida ou a esquizofrenia no homem quando foi criado. Ele contava com o poder de amar e obedecer a Deus, mas — sendo um agente livre — ele também poderia transgredir.

Gênesis 2.16, 17
Aqui se encontram dois grupos — Deus e o homem. Nesse versículo Deus anuncia a condição necessária ao homem para continuar em comunhão com Deus. A condição é simples. O homem deve demonstrar seu amor a Deus sendo obediente a ele. Se o homem desobedecer a Deus, isso resultará em morte. Essa morte é mais que meramente física. A morte espiritual, ou a separação de Deus, surgiu de imediato. A morte física descreve o que chamamos comumente de "morte". A morte eterna vem no juízo. Como o homem teve de enfrentar a escolha entre obedecer ou desobedecer, recebeu essas graciosas provisões da parte de Deus:

1) Foi feito à imagem divina (Gn 1.26).
2) Mantinha comunhão constante com Deus (Gn 3.8*a*).

3) Estava cercado por um ambiente perfeito (Gn 2.8).
4) Contava com verdadeira liberdade de escolha, com o poder de obedecer ou transgredir. Ele não era condicionado por alguma determinação, e não era programado (Gn 2.16,17).
5) O teste era o mais simples: uma ordem e uma penalidade estipuladas com clareza (Gn 2.16,17).

Gênesis 3.1-20
Adão e Eva escolheram desobedecer a Deus de forma deliberada.

Gênesis 3.7
Ao tentarem se cobrir com a obra de suas mãos, ele demonstraram já terem sido tomados pela culpa.

Gênesis 3.24
Eles perderam a comunhão com Deus e foram expulsos do jardim.
O corpo e a alma sentiram os efeitos do pecado.

Gênesis 3.17, 18
O universo externo se encontra anormal agora. Ele não está como Deus o fez; foi alterado por causa do pecado do homem. Tudo que jazia sob o domínio humano foi afetado.

Romanos 5.12, 17
Desde a queda de Adão, todos os homens são pecadores. Toda vez que olhamos para o corpo de algum morto, isso deveria nos fazer lembrar de que o homem é pecador.

Isaías 53.6

Jeremias 17.9

Romanos 3.10-12, 23

Gálatas 3.10

As duas passagens seguintes nos mostram que quem é cristão agora já foi "filho da ira" antes de aceitar Jesus como seu Salvador.

Efésios 2.2, 3

Colossenses 1.21

Seria bom encerrarmos nossas considerações com o fato de que todos nós pecamos aos olhos de Deus (1Jo 1.10).

Para concluir, Deus fez o homem. O corpo e a alma do homem eram bons. O homem contava com a possibilidade de escolha verdadeira e não programada para demonstrar seu amor a Deus mediante a obediência. O homem usufruía comunhão contínua com Deus. Ele estava no ambiente perfeito. Foi dado a ele um simples teste para que pudesse demonstrar seu amor e obediência. Adão e Eva pecaram. Daí em diante todas as pessoas pecam — incluindo você e eu.

João 3.18, 36
Tendo pecado, jazemos sob o juízo de Deus, sob sua condenação, *agora*.

CAPÍTULO QUATRO: A GRAÇA DE DEUS (A)

Romanos 6.23
Cada um de nós merece apenas uma coisa da mão divina: o juízo. No que concerne à santidade e justiça de Deus, ele não nos deve nada além do juízo. Ele nos criou, e nós pecamos. Mas a última parte desse versículo nos diz que apesar disso, por causa do seu amor, Deus nos concedeu uma forma de nos aproximarmos dele. Não é porque Deus nos deva isso; trata-se de uma dádiva baseada no seu amor. Adão e Eva receberam a orientação de como agir para agradar a Deus. No entanto, eles pecaram, e todos nós também pecamos, e assim essa nova forma que Deus nos dá não pode se basear na nossa ação, mas na graça de Deus.

João 3.15, 16
Aqui temos o Deus trino postado com os braços abertos, dizendo-nos que, ainda que sejamos pecadores, ele proveu uma forma pela qual "todo o que" quiser poderá vir.

Filipenses 2.7, 8
Como pode o Deus santo dizer "todo o que" para pecadores? Deus não pode apenas ignorar o nosso pecado, porque ele é santo. Se ele o fizesse, não existiria nenhum absoluto moral. Nós podemos nos aproximar de Deus por meio da graça porque Cristo agiu a nosso favor. Essa obra consumada é sua morte na cruz.

Romanos 3.24-26
Pelo fato de Jesus ter morrido como substituto, Deus permanece justo, o absoluto moral existe; todavia, nós não precisamos incorrer em seu juízo.

João 3.15; 17.4
Essa é uma dádiva para nós, mas apenas por causa da obra perfeita de Cristo.

1 Pedro 1.18, 19
Nós fomos comprados por um preço infinito.

João 6.29
Jesus, em sua morte, precisou agir a nosso favor. Mas por causa de sua obra perfeita, agora podemos nos aproximar de Deus apenas pela fé, sem obras.

João 3.15, 16
A promessa de Deus é clara. Se aceitarmos Jesus como nosso Salvador, então com base

na obra consumada de Cristo (apenas por meio da fé), temos de Deus a promessa da vida eterna. A fé é a mão vazia que aceita a dádiva.

João 3.18, 36
O castigo divino também é nítido. Pelo fato de sermos pecadores, já nos encontramos condenados e julgados por Deus. Se recusarmos a dádiva divina, se não aceitarmos a obra de Cristo a nosso favor, permaneceremos sob a condenação e o juízo de Deus.

Hebreus 2.3
Adão recebeu a ordem de obedecer a Deus, e pecou. Todos nós pecamos. Assim, herdamos a morte eterna em sentido espiritual e físico. Agora Deus, em seu amor, nos deu outra oportunidade.

Ela não decorre das obras, mas da graça, da qual participaremos se aceitarmos sua dádiva. Se recebermos Jesus como nosso Salvador e confiarmos nele para sermos salvos, se crermos nele e aceitarmos sua morte por nós, então teremos a vida eterna. Se nós recusarmos a graciosa provisão divina, permaneceremos onde nos encontramos, sob a condenação e o juízo de Deus.

CAPÍTULO CINCO: A GRAÇA DE DEUS (B)

Gênesis 3.15, 21
Assim que o homem pecou, Deus prometeu a vinda do Salvador. Ele fez isso com as palavras do versículo 15 e a ilustração do versículo 21. Depois de o homem pecar, ele tentou se cobrir com as obras das próprias mãos (v. 7). Deus as retirou e providenciou coberturas feitas com peles. Para tanto, um animal precisou ser morto. Essa foi uma figura imediata da maneira pela qual o homem poderia se aproximar de Deus agora que havia pecado, mas não por meio das obras humanas de sua própria justiça, e sim pela forma provida por Deus com a morte do Messias vindouro.

Gênesis 4.3-5
Aparentemente, Deus disse a Adão e Eva como ele desejava ser adorado no futuro — por meio da apresentação de um cordeiro como figura do Messias vindouro. Abel cumpriu a vontade divina, mas Caim tentou se aproximar de acordo com suas obras. Hebreus 11.4 nos diz que Abel creu em Deus; Caim, não.

Gênesis 12.1-3
A promessa feita a Abraão, dois mil anos antes da vinda de Cristo, contava com características duplas: nacionais e também pessoais. As nacionais diziam respeito aos judeus, e ainda dizem. As espirituais eram dirigidas (e ainda se dirigem) a todos os que cressem em Deus e, assim, estivessem em um relacionamento correto com o Messias vindouro. O Messias seria um dos descendentes de Abraão (humanamente falando).

Gênesis 22.1-18
Aqui temos uma imagem nítida, no espaço e no tempo, da história sobre o Messias vindouro e sua obra substitutiva. Os santos do Antigo Testamento contavam com um conceito muito mais claro da obra de Cristo do que nós lhes atribuímos normalmente. O versículo 14 liga os eventos desse capítulo, de dois mil anos antes de Cristo, à morte de Jesus, dois milênios mais tarde. Esse ponto geográfico seria identificado mais tarde com Jerusalém, o local em que Jesus morreu. Compare o versículo 14 com 2 Crônicas 3.1.

Êxodo 20.24, 25
Logo após a outorga dos Dez Mandamentos, Deus, prevendo a inabilidade do homem para guardá-los, providenciou uma forma para que o homem se aproximasse dele. A edificação de um altar sem o trabalho do homem nele representava a futura promessa do Messias, cuja obra não sofreria nenhum acréscimo humano. Nunca um ser humano foi

capaz de guardar os Dez Mandamentos com perfeição.

Isaías 53
Cerca de setecentos anos antes de Cristo, vemos os judeus sendo informados de forma explícita, mais uma vez, a respeito da obra do Messias vindouro.

De modo incidental, todo o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento era uma antevisão da obra do Messias futuro. O Messias viria e morreria por nós.

Lucas 2.25-32, 36-38
Quando o bebê Jesus foi levado ao templo, Simeão o reconheceu por sua identidade: o Messias profetizado no Antigo Testamento. Naquele dia havia um remanescente que mantinha a fé fixa no Messias vindouro. Repare que Ana não só reconheceu Jesus como Messias — a quem ela havia esperado a vida toda —, ela partiu de imediato e foi contar a outros habitantes de Jerusalém que também mantinham a fé com firmeza no Messias.

Romanos 4.1-3
A passagem anuncia que Abraão, dois mil anos antes de Cristo, foi salvo exatamente como nós somos salvos — por meio da fé, sem obras.

Romanos 4.6-8
Davi (mil anos antes de Cristo) foi salvo por meio da fé, da mesma forma que nós somos salvos. Os Dez Mandamentos haviam sido outorgados por intermédio de Moisés quinhentos anos antes do tempo de Davi. Contudo, Davi afirmou de modo inequívoco não ter sido salvo por meio das obras, mas pela fé. Jamais um ser humano foi salvo pelas próprias obras.

Romanos 4.10, 11
Depois de Abraão ter sido salvo pela fé, ele foi circuncidado. A circuncisão não o salvou. Ela era apenas um sinal exterior do fato de ele já ter sido aceito por Deus apenas pela fé. Nenhum tipo de boa obra *religiosa* da nossa parte é capaz de nos ajudar diante do Deus perfeito.

Romanos 4.20, 22-25
Abraão foi aceito por Deus mediante a fé — a crença na promessa divina. O mesmo é verdadeiro em relação a nós.

Gálatas 3.13, 14
Quando recebemos Cristo como nosso Salvador pela fé, recebemos a mesma bênção de

Deus que Abraão recebeu pela fé.

Gálatas 3.24
Se tudo isso é verdade, que bem há na lei divina, os Dez Mandamentos, e nos outros mandamentos eternos dados por Deus no Antigo e Novo Testamentos? Deus propôs a lei para nos mostrar que somos pecadores, para percebermos a necessidade de aceitar Jesus como nosso Salvador.

Hebreus 11.1-12.2
Apresenta-se aqui uma longa lista das pessoas que tinham fé em Deus no período do Antigo Testamento. Nós, que contamos com essas pessoas como exemplos, somos ordenados a ter a mesma fé em Deus, por meio da aceitação de Jesus como nosso Salvador.

Assim, ao longo de todas as eras, antes e depois de Cristo, existe uma forma de salvação. Todos os homens pecaram. A salvação encontra-se disponível apenas por meio da fé na obra do Messias consumada a nosso favor.

CAPÍTULO SEIS: PROFECIAS DO ANTIGO TESTAMENTO SOBRE A VINDA DO MESSIAS

Depois da ressurreição de Cristo dentre os mortos, ele se encontrou com alguns discípulos no caminho de Emaús, mas eles não o reconheceram. Somos informados de que antes de Jesus se revelar a eles, eles conversaram e isto é o que a Bíblia diz a respeito:

E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras.

Lucas 24.27
Ou seja, a caminho de Emaús, ele voltou ao Antigo Testamento e lhes contou as muitas informações lá encontradas a seu respeito, cumpridas por meio de sua vida, morte e ressurreição. Seguem-se algumas passagens do Antigo Testamento que prediziam a vinda do Messias. A palavra Messias *em hebraico significa o mesmo que o vocábulo* Cristo *em grego, e assim uma é utilizada no Antigo Testamento e a outra no Novo.*

As referências abaixo não exaurem o ensino do Antigo Testamento. Elas são apenas referências cruzadas.

Gênesis 3.15
O homem havia acabado de pecar. Deus fizera o homem perfeito e lhe dera a oportunidade de obedecer ao Senhor e de demonstrar seu amor a ele. Em vez disso, o homem desobedeceu. Então Deus fez uma promessa à humanidade sobre a vinda do Messias, aquele que poderia alcançar a vitória. O Messias "nasceria de uma mulher" (v. Gl 4.4).

Gênesis 9.26
O tempo passou. Encontramo-nos agora nos dias de Noé. A promessa que em Gênesis 3.15 compreendia toda a raça humana é afunilada para alcançar uma parte dessa raça — os povos semitas. Hoje os povos semitas incluem algumas raças: assírios, babilônios, egípcios, hebreus, árabes (dentre várias outras).

Gênesis 12.3
Passou-se ainda mais tempo. Agora, dentre todos os povos semitas, a promessa do Messias vindouro foi feita a um homem, Abraão. O Salvador futuro nasceria de sua família — isto é, dos judeus.

Gênesis 49.10

Depois de Abraão vieram Isaque e Jacó, que teve doze filhos. Na passagem somos informados de qual dessas doze famílias o Messias viria. Ele descenderia da tribo de Judá.

Êxodo 12.46
Entramos agora em outra fase da imagem que tem sido desenhada a respeito do Messias vindouro. Isso foi escrito cerca de 1500 anos antes de Cristo. As passagens citadas acima são anteriores até mesmo a esse tempo. Aqui Moisés fala a respeito do cordeiro pascal, que prefigurava a vinda do Messias: nenhum dos seus ossos seria quebrado. Repare como João 19.36 destaca com cuidado que nenhum dos ossos de Cristo foi partido, ainda que ele tenha sido crucificado e os dois ladrões que estavam com ele não tenham sido poupados.

Deuteronômio 18.15
Encontramo-nos cerca de 1500 anos antes de Cristo. Moisés apresenta aqui uma informação diferente a respeito daquele que viria. O texto nos diz algo a respeito de sua obra. Quando ele vier, será um "profeta" incomum e único. Como profeta, de acordo com a Escritura, ele não anunciará apenas o futuro; em vez disso, falará aos homens no lugar de Deus.

2 Samuel 7.16
A informação se torna mais precisa. De toda a tribo de Judá, o Messias deve proceder de determinada família. Essa família é a família real de Davi. Veja Mateus 1.1 e 22.42.

Salmo 2.2
A imagem do Cristo vindouro se tornou ainda mais clara — o que ele deve ser, como deve agir, o que precisa fazer se for o Messias de verdade, o Salvador do mundo. No versículo 7 somos informados de que ele será mais que um homem; Deus o chama de Filho. Veja Atos 13.33 e Hebreus 1.5. O versículo 12 incentiva todos os homens a se relacionarem pessoalmente com esse Messias.

Salmo 16.8-11
Aqui somos informados de outra coisa a respeito do Messias. Ele morrerá, mas seu corpo não permanecerá no túmulo. Ele será ressuscitado dentre os mortos. Veja Atos 2.25-31.

Salmo 22.1-18
Essa é uma imagem tremenda da crucificação de Cristo. Os judeus não crucificavam; eles apedrejavam até a morte. Os romanos eram o único povo que se valia da prática da crucificação. Essa passagem do livro de Salmos foi escrita cerca de mil anos antes de

Jesus viver e morrer, e muito antes de os romanos se tornarem proeminentes. Entretanto, a imagem mostrada aqui a respeito da morte de Jesus representa a crucificação de modo perfeito. Repare também em vários outros detalhes cumpridos com a morte de Cristo.

Salmo 41.9
Quando o Messias viesse, ele seria traído por uma pessoa próxima dele. Evidentemente, Jesus foi traído por Judas. Veja João 13.18 e Atos 1.16.

Salmo 69.9
Essa citação foi mencionada quando Jesus expulsou do templo as pessoas que o haviam transformado em um ponto de comércio. Veja João 2.17.

Salmo 69.21
Quando Jesus estava morrendo, isso foi exatamente o que lhe aconteceu. Veja Mateus 27.34.

Salmo 110.1-4
Moisés, quinhentos anos antes da composição desse salmo, afirmou que o Messias seria profeta. Essa passagem também nos diz que ele seria sacerdote. O sacerdote é bem diferente do profeta. O profeta fala aos homens em nome de Deus; o sacerdote representa os homens diante de Deus. Veja Atos 2.32-35.

Isaías 7.14
Aqui temos um sinal estupendo. Quando o Messias vier, sua mãe será humana, mas ele não terá pai humano. Veja Mateus 1.23.

Isaías 9.6, 7
Repare nos nomes dados ao Messias vindouro. Evidentemente ele será mais do que um homem; também será Deus.

Isaías 42.1-3, 6, 7
Já vimos que o Messias nasceria de uma mulher, sem ter um pai humano, e que ele seria Deus. Mas ele também seria servo, e esse servo inauguraria o caminho da bênção para judeus e gentios. Veja Mateus 12.17-21 e Lucas 2.32.

Isaías 50.6
Aqui nos são contados alguns dos sofrimentos de Jesus. O Novo Testamento afirma que isso é de forma exata o que aconteceu com ele. Eles o golpearam, espancaram e fizeram de tudo não só para feri-lo, mas também para humilhá-lo. Veja Mateus 26.67 e 27.26.

Isaías 52.13 até o final do capítulo 53
Aquele que viria seria um sacerdote de forma muito especial. Ele seria sacerdote ao carregar nossos pecados sobre si mesmo. Ele deveria ser o Messias sofredor e morrer por nós.

Jeremias 31.15
O Novo Testamento diz que isso se cumpriu de forma literal quando as criancinhas foram assassinadas pelo rei Herodes ao nascer Jesus. Herodes tentou matar o Messias quando os magos lhe informaram sobre o nascimento. Veja Mateus 2.17, 18.

Miqueias 5.2
Aqui nos é dito o local exato onde o Messias deveria nascer: na cidade de Belém. O versículo também afirma que ele existe desde os dias da eternidade. Veja Mateus 2.6.

Zacarias 9.9
Agora chegamos à terceira parte da obra de Cristo. Moisés disse que ele seria *profeta*. Salmos e Isaías afirmam que ele seria *sacerdote*. Zacarias declara de forma inequívoca que ele será *rei*. Jesus cumpriu essa passagem em sentido literal quando entrou com triunfo em Jerusalém antes da sua morte. Veja Mateus 21.5.

Zacarias 11.11-13
Somos informados aqui a respeito da quantia exata que Judas receberia pela traição de Cristo. Veja Mateus 26.15.

Jesus cumpriu de forma literal cada uma dessas passagens. A possibilidade de qualquer homem cumprir todas essas coisas de forma coincidente é zero, ainda mais pelo fato de elas terem sido assim designadas. Jesus cumpriu todas elas porque ele é quem a Bíblia afirma ser. Ele é Deus e também homem nascido de uma virgem, o prometido durante milhares de anos. Quando ele veio, todas essas predições se tornaram realidade. Elas, então, são algumas das coisas sobre as quais Jesus deve ter conversado com os discípulos a caminho de Emaús.

CAPÍTULO SETE: CRISTO, O MEDIADOR (SUA PESSOA)

1 Timóteo 2.5
Repare que esse versículo diz existir um só mediador entre Deus e o homem. Esse mediador é o homem Cristo Jesus. Não há vários mediadores possíveis; Jesus Cristo é o único. Ele é o único intercessor possível entre Deus, o Pai, e o homem.

(1) Em primeiro lugar, vamos analisar algumas de nossas observações do estudo anterior, "O Deus da Bíblia". Você se lembra de termos visto a Bíblia ensinar que Jesus Cristo é Deus, tão Deus quanto o é Deus, o Pai. Vimos que a segunda pessoa da Trindade era Deus antes de nascer de Maria; era Deus enquanto se encontrava na terra; e é Deus agora. Também vimos que a segunda pessoa da Trindade é distinta da primeira pessoa da Trindade, o Pai, e da terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo.

(2) A Bíblia também ensina que Jesus Cristo é verdadeiramente homem. Em nossos dias, a maior parte das heresias nega a verdadeira divindade de Cristo, mas na igreja primitiva a heresia mais comum era a negação da verdadeira humanidade de Jesus. Devemos nos lembrar de que do ponto de vista de Deus, é muito mais maravilhoso que a segunda pessoa da Trindade se torne homem que o fato de ela ser Deus. Jesus é Deus desde a eternidade; ele se tornou homem ao nascer.

Mateus 4.2
Cristo teve fome.

Mateus 8.24
Ele dormiu.

Mateus 26.38
Jesus Cristo tinha alma e corpo.

Lucas 1.32
De acordo com a natureza humana, Cristo descendia de uma família humana.

Lucas 2.40, 52
Ele cresceu em sentido físico e mental.

Lucas 22.44
Cristo sofreu angústia.

Lucas 23.46
Ele morreu.

Lucas 24.39
Depois da ressurreição, ele ainda tinha um corpo de verdade.

João 11.33, 35
Jesus chorou.

João 19.28
Cristo sofreu sede.

João 19.34
Havia sangue em suas veias.

Romanos 5.15
Adão era um homem, e Cristo foi um homem.

Gálatas 4.4
Esse versículo nos diz que Deus, o Pai, enviou seu Filho, e que ele, o Filho, nasceu de uma mulher — como todos nós nascemos.

1 Timóteo 3.16
Esse versículo nos diz que Deus revelou a si mesmo em carne.

Quando os homens olhavam para Jesus Cristo, viam uma só pessoa, mas ele possuía duas naturezas. Ele é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

Hebreus 2.14, 18
Deus se tornou homem para se transformar em nosso mediador.

Hebreus 4.15
Nosso mediador sabe como nós nos sentimos, até mesmo quando somos tentados.

1 João 4.1, 2
A Bíblia diz ser de extrema importância crer na pré-existência de Jesus e que ele, em

um ponto da história, veio como homem. Nessa passagem, somos informados de que esse ponto é o teste para professores de religião, espíritos e sistemas. Se eles não ensinarem a pré-existência de Jesus, e que ele se tornou um homem de verdade, não são cristãos.

(3) Como o Filho único de Deus se tornou homem?

Isaías 7.14
Setecentos anos antes do nascimento de Jesus, foi profetizado que ele nasceria de uma virgem. Veja Mateus 1.23. A palavra grega usada em Mateus significa apenas "virgem" no sentido normal do vocábulo.

Gálatas 4.4
Repare na afirmação de Paulo: Cristo nasceu de uma mulher. Nesse importante versículo que lida com a encarnação, não se menciona nenhum pai, e esse não era costume judaico se ele tivesse pai humano.

Gênesis 3.15
Na primeira promessa sobre o Salvador vindouro, menciona-se a semente da mulher. Mas não há menção ao pai.

Lucas 1.27-38
É interessante o fato de Lucas ser médico, e de ele apresentar mais detalhes a respeito do nascimento virginal de Cristo. Repare no versículo 34.

Mateus 1.18-25
José seria a pessoa que teria mais a perder se Jesus não tivesse nascido de uma virgem. No entanto, ele estava convencido de que Maria não lhe fora infiel, de que a criança não tinha pai humano, e de que apenas Deus era o pai da criança. O fato de José ter se convencido, depois da suspeição inicial em relação a Maria, é um forte testemunho a favor do nascimento virginal.

Assim, a respeito da pessoa de Cristo, o mediador: ele sempre foi Deus. Desde o momento em que Maria o trouxe ao mundo no nascimento virginal, na encarnação, ele é uma pessoa com duas naturezas: verdadeiramente Deus e homem para sempre.

Essa é a identidade do nosso mediador. Não existe outro.

CAPÍTULO OITO CRISTO, O MEDIADOR (SUA OBRA: PROFETA)

Quando pensamos na obra de Cristo como mediador, é comum nos recordarmos de sua morte. Isso é especialmente verdadeiro em nossos dias pelo fato de várias pessoas que se afastaram do ensino da Bíblia darem ênfase especial aos aspectos morais do cristianismo. Portanto, nossa reação deve ser falar de forma adequada a respeito da morte de Cristo. A Bíblia nos ensina que a obra de Cristo consiste em três partes.

Primeira, Cristo é profeta. O profeta é quem revela as coisas de Deus aos homens. Trata-se da concessão de conhecimento verdadeiro e propositivo.

Lucas 13.33
Cristo afirma aqui ser profeta.

Deuteronômio 18.15, 18
O Antigo Testamento disse que o Messias vindouro seria profeta.
Compare essa passagem com Atos 3.22, 23, que anuncia o cumprimento dessa profecia por Cristo.

João 1.18
No entanto, Cristo não é apenas profeta. Ele é profeta de um tipo *único*, pois se trata da pessoa da divindade que revela o Deus trino ao homem.

João 1.1, 2
Aqui Cristo é chamado "o Verbo" (cf. v. 14,15). Isso significa ser ele quem revela a verdade aos homens. Os versículos 14 e 15 tornam claro que "o Verbo" é Jesus Cristo.

Colossenses 2.9
Quando ainda estava na terra, Cristo revelou o Deus trino aos homens. Quando pensamos em Cristo, somos capazes de aprender a respeito do caráter de Deus; e Cristo ensinou aos homens fatos a respeito do passado, presente e futuro por meio de suas palavras.

1 João 5.20
Cristo se encarnou para nos conceder verdadeiro conhecimento.

João 14.26; 16.12-14
Aqui Cristo promete continuar concedendo conhecimento aos homens por meio do Espírito Santo vindouro — depois de sua morte, ressurreição e ascensão.

CAPÍTULO NOVE: CRISTO O MEDIADOR (SUA OBRA: SACERDOTE)

Desde a queda do homem no pecado, ele precisa de algo mais que conhecimento.
Ele também carece de santidade e justiça. Portanto, Cristo não só age como profeta, ao nos conceder conhecimento, mas também age como sacerdote. Sendo sacerdote, ele remove de nós a culpa do pecado e obtém para nós santidade e justiça verdadeiras.

Salmos 110.4
Essa profecia do Antigo Testamento prediz que na vinda do Messias, ele realizaria a função sacerdotal.

Marcos 10.45
Cristo veio para morrer. Essa era sua grande obra sacerdotal.

João 1.29
João chamou Cristo de "o Cordeiro de Deus"; isso significa que Cristo morreria para eliminar a culpa que nos pertence pelos nossos pecados. Com a expressão "Cordeiro de Deus", João também nos mostrou que o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento era um tipo ou uma ilustração da obra que Cristo realizaria a nosso favor de forma completa e final mediante sua morte. Os sacrifícios do Antigo Testamento apontavam para o ato de sua morte.

1 Coríntios 5.7
Cristo é chamado aqui de nosso "Cordeiro pascal", e ele morreu por nós. O cordeiro pascal de Êxodo 12 era um tipo ou uma ilustração da obra que Cristo faria a favor dos que creem nele.

Efésios 5.2
Esse versículo diz de modo específico que Cristo entregaria a si mesmo, por meio de sua morte, como oferta e sacrifício.

Hebreus 3.1
O livro de Hebreus apresenta mais detalhes a respeito da obra sacerdotal de Cristo que qualquer outro escrito bíblico. O versículo afirma que Cristo é nosso sumo sacerdote.

Hebreus 4.14; 6.20
Cristo não foi nosso sumo sacerdote apenas quando esteve na terra; ele o é agora e para

sempre.

Hebreus 5.5, 6
Sendo sacerdote, Cristo cumpriu a profecia de Salmos 110.4.

Hebreus 7.26, 27
A obra de Cristo como sumo sacerdote é diferente da atuação dos sacerdotes do Antigo Testamento em três aspectos:
1) Ele é perfeito e sem pecado.
2) Ele realizou um sacrifício que jamais precisará ser repetido.
3) O sacrifício oferecido por ele foi sua própria pessoa.

Hebreus 8.1
Desde a ascensão de Cristo, nosso sumo sacerdote, ele se encontra à destra de Deus, o Pai.

Hebreus 9.11-15
Mais uma vez as Escrituras enfatizam que o sacrifício consistia no próprio Cristo, e que assim que esse sacrifício foi realizado, não há necessidade de repetição. Sendo Deus, o sacrifício de Cristo (sua morte) possui valor infinito.

Hebreus 9.25-28
De novo se destaca que o sacrifício de Cristo é único e exclusivo. Da mesma forma que os homens morrem apenas uma vez, não pode haver repetição do sacrifício de Cristo (e não há a necessidade disso).

Hebreus 10.11-14
O sacrifício foi oferecido de uma vez por todas. Por causa da identidade de Cristo, o sumo sacerdote, sua oferta simples e única (sua morte) é suficiente.

Hebreus 10.19-22
Uma vez que tenhamos recebido Jesus como nosso Salvador, podemos ter confiança na presença do Deus santo.

1 Pedro 3.18
Em grego a palavra usada significa de forma inequívoca “uma vez por todas”. Assim Pedro está dizendo que o sacrifício de Cristo não pode, e não precisa, ser repetido.
A partir da consideração desse versículo e dos precedentes, é evidente que Cristo como nosso sacerdote entregou a si mesmo como sacrifício na cruz do Calvário em certo ponto da história no espaço e no tempo, de modo que ele pudesse carregar de uma vez

por todas a punição merecida por nós devido à culpa do nosso pecado.

1 João 4.10
A obra de Cristo é substitutiva, a expiação de nossos pecados — trata-se de um sacrifício expiatório. Em outras palavras, assumiu a punição exatamente por causa do nosso pecado.

1 João 2.1
Depois da aceitação de Cristo como nosso Salvador, devemos nos esforçar para não pecarmos.
Mas se pecarmos, Cristo se encontra à destra de Deus, o Pai, como nosso advogado. O sacrifício de Cristo na cruz foi completo; ele agora dá continuidade à sua atuação como sumo sacerdote ao interceder por nós no céu. Lembre-se de Hebreus 4.14 e 6.20.

Hebreus 9.24
Cristo está no céu, na presença do Pai, por nós.

Hebreus 7.25
Dada a perfeição do sacrifício de Cristo, ele continua sua obra como sumo sacerdote e é capaz de nos salvar de forma plena e para sempre.

João 17.9
Esta é a oração que Jesus fez como sumo sacerdote um pouco antes de morrer. Nesse versículo vemos que Cristo não intercede por todas as pessoas. Ele ora apenas por quem, pela graça de Deus, o aceitou como seu Salvador.

João 17.20
Cristo intercedia nesse momento, e o faz agora no céu. Ele intercede por todos os que nele creram com base no relato de suas primeiras testemunhas. Esse relato é apresentado no Novo Testamento em conexão com o Antigo.

Romanos 8.34
Uma vez que tenhamos recebido Cristo como nosso Salvador, nem Satanás nem o homem pode nos condenar de forma absoluta, porque Cristo morreu por nós e agora intercede a nosso favor.

A intercessão de Cristo no céu se baseia na expiação substitutiva por ele provida ao morrer na cruz em nosso lugar. Sua intercessão por nós jamais falha, porque mediante sua morte ele merece receber tudo o que pede por nós. Jesus é o nosso sacerdote; não precisamos de outro.

CAPÍTULO DEZ: CRISTO, O MEDIADOR (SUA OBRA: REI)

Gênesis 49.10
Temos aqui a primeira promessa de que o Messias vindouro seria um rei.

2 Samuel 7.16 (com **Mateus 1.1; 22.42**)
Aqui o Senhor diz a Davi que o Messias vindouro provirá de um de seus descendentes. Portanto, o Messias procederá da linhagem real.

Salmo 2.6
Mais uma vez se vê o Messias como rei.

Isaías 9.6, 7
É comum usarmos esse versículo como um dos versículos natalinos. Mas repare que ele diz de maneira específica que o Messias procederá da linhagem de Davi; ele será rei.

Miqueias 5.2
Esse versículo confirma o mesmo ponto: o Messias será o governante.

Lucas 1.31-33
O anjo promete a Maria que o menino que nascerá dela será o Salvador (seu nome será "Jesus"). Ele será o Filho do Altíssimo, e sua ascendência humana pertencerá à família de Davi. Ele será rei.

Mateus 2.2
Quando os magos vieram, eles procuravam pelo rei dos judeus. O versículo 6 tem ligação com Miqueias 5.2.

João 1.49
Natanael percebeu que Jesus era o Messias, o rei dos judeus.

Lucas 19.37, 38
No Domingo de Ramos, o domingo anterior à crucificação de Cristo, Jesus foi aclamado rei por um breve período. O versículo 40 demonstra que Jesus aceitou a aclamação.

João 18.37

Jesus reconhece aqui, diante de Pilatos, ser o rei.

João 19.2, 3, 12, 14, 15, 19, 21, 22
Quando as pessoas zombavam de Jesus, desprezavam seu caráter régio. O versículo 12 parece indicar que se ele tivesse rejeitado essa afirmação, o caso contra ele teria sucumbido.

Atos 17.7
Depois de sua morte e ressurreição, os seguidores de Jesus continuavam ensinando que ele era rei.

Cristo é rei de três maneiras:
1) Agora Cristo é o cabeça de todas as coisas

Mateus 28.18
Cristo detém nesse momento todo o poder no céu e na terra.

Efésios 1.20-22
Cristo hoje, à destra de Deus, o Pai, é o cabeça de todas as coisas na igreja.

2) A segunda vinda de Cristo

Hebreus 2.8
Virá o tempo em que Cristo regerá de uma forma diferente de como ele governa agora. Veja também 1 Coríntios 15.24, 25.

Atos 1.6, 7
Um pouco antes da ascensão de Cristo, pediram-lhe o estabelecimento de seu reino sobre a terra. Sua resposta não foi negativa; ele disse que o tempo ainda não havia chegado.

1 Timóteo 6.14, 15
Quando Cristo voltar, então ele será o Rei dos reis e Senhor dos senhores de uma nova maneira.

Mateus 25.31-34
Quando Cristo voltar, ele julgará como rei.

Apocalipse 17.14; 19.16
Mais uma vez se vê Cristo em sua volta como Rei dos reis e Senhor dos senhores. A

Bíblia nos diz que dessa vez todo joelho se dobrará diante dele (Fp 2.10,11). Isso não significa que todo joelho desejará se dobrar diante dele, mas que todo joelho necessariamente será dobrado, ainda que o coração pecaminoso do indivíduo se mantenha rebelado contra ele.

3) Cristo, o rei da vida de todos nós

Colossenses 1.13
Quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, afastamo-nos do poder das trevas e ingressamos no reino de Cristo. Assim, nós que recebemos Cristo nos encontramos agora em seu reino.

Efésios 5.23, 24
Cristo é agora o cabeça da igreja, composta por todos os que o aceitaram como Salvador. Uma vez que o tenhamos feito, devemos ser obedientes a ele.

Lucas 19.11-27
Nessa passagem, Cristo nos ensina que depois de o termos aceitado como nosso Salvador, somos agora seus servos e temos a responsabilidade de lhe servir e prestaremos contas da forma como o servimos. Se formos bons servos, ele nos dirá: "Bem está, servo bom!". Os versículos 14 e 27 contrastam os servos com os cidadãos, "os súditos". Pelo fato de Deus ser o Criador, todos são sem dúvida seus súditos, mas existem os que se mantêm em rebelião contra ele.

Quando recebemos Jesus como nosso Salvador, ele deve ser tonar o rei e o Senhor da nossa vida.
Conta-se a história de que durante a infância da rainha Vitória, ela estava presente em um concerto em que foi tocado o Messias *de Händel. Todos se puderam em pé quando ressoou a parte: "Rei dos reis, Senhor dos senhores". Quando Vitória também se levantou, os que estavam com ela tentavam dissuade-la dizendo que ela era a rainha. Vitória respondeu: "Sou a rainha da Inglaterra, mas Cristo é meu Rei dos reis e Senhor dos senhores".*
Depois de termos recebido Cristo como nosso Salvador, ele deve se tornar nosso rei de verdade, como ele é nosso profeta e sacerdote.

CAPÍTULO ONZE: A HUMILHAÇÃO E EXALTAÇÃO DE CRISTO

Quando consideramos a totalidade da obra de Cristo, descobrimos que ela apresenta dois aspectos: sua humilhação e sua exaltação.

1) A humilhação de Cristo.

João 17.5
Aqui Cristo fala da glória que ele possuía junto a Deus desde antes da criação do mundo.

Filipenses 2.6, 7
Quando Cristo veio ao mundo, ele se humilhou, para que o Criador de todo o universo se tornasse o servo.

João 1.14
O Criador (v. 3) assumiu a forma de um homem. Ele "se tornou carne".

Lucas 2.7
Jesus não nasceu em uma família rica, mas sim em uma família bem pobre. Ao vir ao mundo, não havia nem mesmo um lar para abrigá-lo ou um quarto em um alojamento público; ele nasceu em um estábulo.

João 7.52
Jesus nem mesmo procedia de uma parte afamada do país, e sim da Galileia, desprezada pelos judeus.

Marcos 6.3
Sua família não era uma das mais importantes da comunidade.
José, o marido de Maria, era carpinteiro, e Jesus também tinha essa profissão.

Gálatas 4.4
O maior dos legisladores se colocou sob a lei.

Filipenses 2.8
O que merecia obediência de toda a criação se tornou obediente.

Gálatas 3.13
O justo Juiz de todo o universo se colocou sob a maldição da lei. Ele se identificou com a humanidade pecaminosa.

Mateus 4.1-11; Hebreus 4.15
O Santo permitiu a si mesmo sofrer todo tipo de tentação conhecida pela humanidade. Considere quão dolorosos devem ter sido para ele os golpes diários do pecado que permeia o mundo em que vivemos.

João 1.11
Os judeus, seu antigo povo, o rejeitaram.

João 7.3-5
Até seus meios-irmãos — ou seja, os filhos naturais de Maria e José nascidos depois de Jesus — o rejeitaram até sua morte e ressurreição.

Mateus 27.46
Enquanto ele pendia da cruz, tendo tomado sobre si mesmo o pecado de quem creria nele como Salvador, Deus, o Pai, se afastou dele. Os sofrimentos físicos de Cristo eram muito grandes, mas não constituíam a causa principal do seu sofrimento.

Lucas 22.47, 48
Judas, um de seus amigos, o traiu com um beijo.

Mateus 26.56
Todos os seus discípulos o abandonaram no momento em que precisou deles.

Mateus 27.11-50
Considere as várias formas de humilhação e agonia suportadas por Jesus nessas horas. Lembre-se de que foi Deus quem lhe permitiu ser tratado assim.

2 Coríntios 5.21
O eternamente Santo morreu por nós como pecado.

1 Pedro 3.18, 19
À semelhança do homem natural, seu espírito e corpo foram separados quando ele morreu. Seu corpo jazia no túmulo. Sua alma desceu ao Hades.

2) A exaltação de Cristo.

Atos 2.25-31
Nesse ponto ocorre a grande mudança. Como parte da humilhação de Cristo, todos os seus passos seguiam pelo caminho da morte. Agora tem início a glória crescente. Em

primeiro lugar, enquanto seu corpo jazia no túmulo, ele não viu corrupção.

Lucas 24.36-43
O corpo humano e a alma humana de Cristo foram reunidos. Não foi apenas o espírito de Cristo que ressurgiu dentre os mortos. Foi o homem completo, com o corpo e o espírito reunidos.

João 20.25-28
O corpo ressurreto de Cristo era o mesmo corpo que os discípulos haviam conhecido antes de sua morte. O ceticismo sobrepujado de Tomé é uma prova da ressurreição física de Cristo — o fato de que o corpo que saiu do túmulo no jardim era o mesmo colocado nele.

Atos 1.3
Jesus, com o corpo ressurreto, foi visto algumas vezes no período de quarenta dias. Essa é uma das provas convincentes relatadas no texto.

Atos 1.9-11
Depois de Jesus ter se apresentado na terra durante vários dias após sua ressurreição, ele foi levado ao céu. Ele saiu de um lugar, a terra, para outro, o céu. Seu batismo deu início ao ministério público (Mt 3.13-17), e a ascensão é a prova de que ele o concluiu.

João 14.2, 3
No lugar chamado céu, Cristo está agora preparando-nos a morada.

Atos 2.32, 33
A exaltação do Senhor Jesus Cristo continua.

Efésios 1.20-22
Aquele que antes foi cuspido e humilhado perante os olhos de homens pecadores é agora o cabeça de todas as coisas.

Apocalipse 19.9-16
Quando Cristo vier novamente à terra, tanto gentios quanto judeus saberão que aquele a quem humilharam e crucificaram é de fato quem afirmava ser: o Messias profetizado no Antigo Testamento, o único Salvador dos homens, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores e, de fato, o verdadeiro Deus.

SEÇÃO TRÊS: SALVAÇÃO

CAPÍTULO DOZE: SALVAÇÃO (COMO?)

Com esse estudo começamos um tópico completamente novo. Já olhamos para "Deus" e "Como Deus lida com o homem". Nosso terceiro tópico é "Salvação" — sua recepção e o que ela inclui.

Como se obtém a salvação? A resposta da Bíblia, como já vimos parcialmente no estudo da graça de Deus, é que a salvação se obtém pela fé em Cristo e mais nada.

João 3.15, 16, 18
Usamos esses versículos várias vezes, mas eles merecem ser analisados de novo para vermos quão claramente Cristo diz que a salvação é recebida pela fé nele e mais nada.

João 3.36
João Batista enfatiza que a salvação é por meio da fé e mais nada.

Romanos 3.9-20
Pelas obras da lei — ou seja, por boas obras — nenhum homem é justificado aos olhos de Deus ou pode sê-lo.

Isaías 64.6
Mesmo as nossas melhores obras não são boas o suficiente aos olhos do Deus santo. Ainda que os atos exteriores sejam bons, quem pode se desvencilhar por completo dos motivos complexos que nos movem?

Gálatas 3.24
Deus jamais concedeu a lei (os Dez Mandamentos, o Sermão do Monte, ou qualquer outro mandamento) como se a salvação pudesse decorrer da guarda dessa lei. No que concerne à salvação, cada uma das leis de Deus nos mostra que precisamos de Cristo.

Romanos 2.1-3
Os homens não cumprem nem as normas que eles criam, pelas quais julgam as outras pessoas.

Atos 16.30-33
Da mesma forma que as boas obras morais não podem nos salvar, também as obras religiosas são incapazes de nos salvar. O batismo é um sinal da salvação, não sua causa.

Romanos 4.9-11
O mesmo ocorria no período do Antigo Testamento. Abraão colocou sua fé em Deus, a circuncisão veio depois. As boas obras religiosas não podem salvar.

Romanos 9.6
Nem todos os judeus do Antigo Testamento integravam o Israel espiritual verdadeiro. Nem hoje o ser membro de uma igreja salvará alguém. De fato, a salvação é nossa com base exclusiva na fé em Cristo e mais nada.

Romanos 9.30-33
Os judeus que não integravam o verdadeiro Israel espiritual eram os que tentavam se aproximar de Deus baseados em suas "boas obras" religiosas e morais, em vez da fé.

Gálatas 2.16
A salvação jamais se baseia em qualquer tipo de boa obra.

Romanos 3.21-26
As boas obras não podem nos salvar, apenas a fé em Cristo. A palavra "livremente" do versículo 24 significa "*de graça*". Não há nenhum custo para nós.

João 8.24
Há apenas um caminho de salvação. Se não aceitarmos Jesus como Salvador, permaneceremos sob o juízo de Deus.

João 14.6
Não há muitos caminhos para a salvação. Há só um caminho para Deus, o Pai. Não existe caminho para ele além de Jesus.

Atos 4.12
É a fé em Cristo ou nada.

Ao terminar de verificar esses versículos, eu o incentivo a considerar o convite de Cristo: "o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora" (Jo 6.2). A base *é a morte consumada e substitutiva de Cristo. O* instrumento *pelo qual aceitamos o dom gratuito é a fé. A fé tem significado duplo: crer nas promessas de Deus, e aceitar o dom sem adicionar a religiosidade humanista ou as boas obras morais.*

CAPÍTULO TREZE: JUSTIFICAÇÃO

Romanos 1.16
A palavra "salvação" usada aqui e em todo o Novo Testamento conta com um significado muito mais amplo que o comumente aplicado a ela nos nossos dias. Hoje, não raro, ela se limita ao ato de se tornar cristão. O uso bíblico do termo inclui todas as coisas no passado, presente e futuro que ocorrerão às pessoas que aceitaram Cristo como seu Salvador. Nesta lição, consideraremos a primeira delas — isto é, a justificação.

Romanos 3.20
Não podemos ser justificados por nossas boas obras.

Tiago 2.10
Para sermos justificados diante de Deus por nossas boas obras, deveríamos ser perfeitos, sem nenhum ato ou pensamento pecaminoso — desde o nascimento até a morte. A palavra "evangelho" significa "boas-novas". Dizer a alguém que seja uma boa pessoa não é uma boa notícia. Por exemplo, se alguém estivesse na cadeia por algum crime e uma pessoa chegasse e gritasse "Boas novas!", quem se encontra por trás das grades esperaria uma palavra de possível libertação. Se a mensagem do amigo, em vez disso, fosse "Seja bom", isso seria tolice e crueldade. Assim acontece se disséssemos "Seja bom" ao homem que já está preso ao pecado e marcado com sua culpa.

Romanos 4.1-9, 22-25
A justificação é a declaração da parte de Deus de que somos justos a seus olhos porque ele nos imputou a obediência de Cristo. Isso significa que Deus coloca nossos pecados na conta de Cristo. Não se trata de um tipo de justiça infundida dentro de nós. Ele nos atribui a obediência de Cristo. A obediência de Jesus tem dois aspectos: sua morte para tirar nossa verdadeira culpa moral, e sua guarda perfeita da lei de Deus a nosso favor. É como se uma pequena criança entrasse em uma loja e comprasse mais do que pudesse pagar. Então o pai chega e diz: "Coloque tudo na minha conta". O débito da criança é apagado. O pai paga. Quando somos justificamos, Deus coloca a punição da culpa do nosso pecado na conta de Cristo.

Romanos 5.1
Uma vez declarados justos por Deus, há paz entre Deus e nós.

Colossenses 2.13, 14

Deus não ignora os nossos pecados. Ele não pode fazê-lo, pois é santo. Acontece que nossos pecados foram de fato punidos nos sofrimentos de Cristo sobre a cruz.

Isaías 38.17; 43.25; Miqueias 7.19
Quando somos declarados justos por Deus, é como se Deus lançasse a culpa dos nossos pecados no mais profundo mar. A justificação não é apenas perdão. Uma vez justificados, é "como se nunca tivéssemos pecado".

Isaías 53.4,5
O fundamento da nossa justificação é a obra perfeita de Cristo no Calvário.

Romanos 5.8, 9
Essa é a maravilha do amor de Deus: enquanto éramos pecadores, Jesus morreu por nós. Pelo fato de Cristo ter morrido por nós, Deus pode ser justo e ainda declarar nossos pecados perdoados (Rm 3.26).

Atos 13.38, 39
O instrumento pelo qual recebemos a grande dádiva de Deus é a fé em Jesus Cristo.

Romanos 3.28
A justificação é pela fé e mais nada.

Gálatas 2.16
Há só uma forma de ser justificado pelo Deus santo, e ela decorre da fé em Cristo.

O que é fé em Cristo? Um missionário procurava uma palavra nativa para descrever a fé sem a encontrar. Por fim ele se sentou em uma cadeira e levantou os pés do chão, colocando todo o peso na cadeira. Ele então perguntou que palavra descrevia seu ato e usou essa palavra para designar fé. Essa é uma descrição correta.

Ter fé em Cristo significa descansar totalmente nele e em sua obra consumada.

CAPÍTULO CATORZE: O NOVO RELACIONAMENTO (ADOÇÃO)

Quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, somos justificados de imediato.
Outro aspecto da salvação que se torna imediatamente nosso é o novo relacionamento — a adoção por Deus, o Pai.

João 1.12
Quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, nós nos tornamos filhos de Deus. Isso indica que não somos filhos de Deus até a aceitação de Cristo. Antes de aceitarmos Jesus como nosso Salvador, encontramo-nos separados de Deus por nossa culpa moral. Deus criou a todos nós, mas nos tornamos filhos de Deus apenas se nos aproximarmos dele por meio de Jesus Cristo.

2 Coríntios 6.18
Na maior parte dos versículos da Bíblia, homens e mulheres são designados em conjunto "filhos de Deus". Mas aqui temos uma passagem muito significativa em que Deus fala a respeito de mulheres que se aproximam dele por meio de Cristo como suas "filhas".

João 20.17
Jesus é muito cuidadoso ao estabelecer a distinção entre sua Filiação única e eterna e o fato de nos tornarmos filhos de Deus.

Gálatas 4.4, 5
Jesus é o Filho eterno de Deus. Ele é único, o Filho unigênito. Mas quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, recebemos a adoção de filhos. Esses versículos afirmam que por causa da obra consumada de Cristo, recebemos os direitos plenos de filhos.

Efésios 1.3-5
Uma vez que tenhamos recebido Jesus como nosso Salvador e assim nos tornamos filhos de Deus, o Pai, podemos nos aproximar de sua presença com toda a ousadia.
Da mesma forma que o filho do rei pode se aproximar da presença do rei na condição de filho, também nós podemos nos aproximar da presença do Deus todo-poderoso, o Criador. Podemos lhe dizer com certeza: "Pai nosso que estás no céu", e ele nos diz: "Vós sois meus filhos".

1 João 3.1
Esse é o ápice do amor divino: quando aceitamos Jesus como nosso Salvador nós nos

tornamos filhos de Deus.

Mateus 6.32
Por eu ser filho de Deus, ele se preocupa com minhas necessidades materiais.

Romanos 8.15
Sendo Deus nosso Pai, podemos chamá-lo "Aba" — ou seja, "papai" ou "paizinho".

Romanos 8.17
Deus é nosso Pai, e somos coerdeiros com Cristo. Pense no que isso significa. As riquezas do céu são nossas não só depois da morte, mas também em vida.

Gálatas 4.6, 7
Assim que Deus se torna nosso Pai, essas bênçãos são nossas, incluindo-se a presença do Espírito Santo. Como filhos de Deus, essas bênçãos são nossas na vida presente.

Hebreus 12.5-11
Assim que Deus se torna nosso Pai, muitas bênçãos são nossas, e entre elas se encontra esta: da mesma forma que um pai humano que ama profundamente seu filho o castiga quando ele merece, também Deus, nosso Pai, traz o castigo sobre nós a fim de nos manter perto dele. Depois de termos recebido Jesus como nosso Salvador, e de Deus ter se tornado nosso Pai, todos os nossos pecados foram punidos no Calvário. No entanto, o Pai permite às vezes que dificuldades ocorram em nossa vida quando nos afastamos dele, para que possamos experimentar "o fruto pacífico da justiça" — que não é apenas justiça, mas paz.

CAPÍTULO QUINZE: O NOVO RELACIONAMENTO (IDENTIFICADO E UNIDO COM DEUS, O FILHO)

Depois de termos depositado fé em Cristo, entramos no segundo relacionamento novo: somos identificados com Cristo e unidos a ele.

Romanos 8.1
Depois de aceitarmos Jesus como Salvador, nós estamos em Cristo.

1 Coríntios 6.17
Fomos ligados a Cristo, estamos unidos com ele.

Gálatas 2.20
Cristo vive em mim.

Efésios 1.3
Nós estamos em Cristo.

Efésios 1.6, 7; 2.1-6, 13
Todos esses versículos declaram a mesma verdade gloriosa: estamos em Cristo. Veja também Colossenses 2.10.
Cristo é o noivo*; nós somos a* noiva.

Mateus 22.2-14; 25.10
Nossa união com Cristo é como um casamento. Jesus é o noivo.

Romanos 7.4
Quando aceitamos Jesus como Salvador, estamos casados com ele. Da mesma forma que o casamento normal gera filhos, também nossa união com Cristo deve produzir fruto para Deus.

2 Coríntios 11.2
A noiva que ama seu marido pensa apenas nele e lhe é fiel. Assim devemos nós ter a mente fixa em Cristo e sermos fiéis a ele.

Efésios 5.31, 32
O casamento é uma figura da união do crente com Cristo.

Apocalipse 19.7-9

Na segunda vinda de Cristo, ocorrerá um grande evento conhecido como “as bodas do Cordeiro [Cristo]”.

Apocalipse 22.17
A noiva, ou seja, os que receberam Cristo como Salvador, deve se ocupar com o convite de outras pessoas para a participação nesse grande privilégio e honra. Como a noiva fala com muita naturalidade sobre seu amado, também nossas palavras devem se referir bastante a Jesus.
Cristo é a vinha*; nós somos os* ramos.

João 15.1-5
A vida da vinha flui para os ramos a fim de que eles deem fruto.
Da mesma forma, quem aceitou Jesus como Salvador mantém a união vital com ele. Se nós “permanecermos” nele momento após momento, sua vida fluirá em nós a fim de produzir frutos espirituais.

Cristo é o Cabeça*; a igreja (os que aceitaram Jesus como Salvador) é o corpo.*

Romanos 12.5
Como o corpo possui muitas partes, e permanece um só corpo, também nós que aceitamos Jesus como Salvador somos muitos; contudo, somos um só corpo, a igreja — o corpo de Cristo.

1 Coríntios 12.11-27
Da mesma forma que a saúde do corpo depende da condição de todas as suas partes, também é importante que todos os cristãos se encontrem em boa condição espiritual.
Como o corpo está sujeito ao direcionamento da cabeça, nós também devemos permanecer sempre em Cristo.

Efésios 1.22, 23; 4.15, 16; 5.30; Colossenses 1.18
A igreja (todos os que aceitaram Jesus como Salvador) é o corpo de Cristo.

Cristo é o fundamento*; nós somos a* casa espiritual *construída sobre ele.*

1 Pedro 2.2-6
Nós somos pedras vivas.

O Filho unigênito de Deus é chamado nosso irmão quando nós nos tornamos filhos adotivos de Deus.

Hebreus 2.16-18
Da mesma forma que o filho natural da casa é irmão do filho adotado, assim Cristo é nosso maravilhoso irmão mais velho quando nós o aceitamos como nosso Salvador. Sendo o irmão mais velho, ele nos entende em todas as situações da vida.

Em nossos estudos sobre Cristo como mediador vimos que quando o recebemos como nosso Salvador, Deus, o Filho, é nosso profeta, sacerdote e rei. Jesus é nosso profeta, e em comunhão com ele o crente é um profeta.

João 16.13; 1 João 2.27
Por meio de Cristo temos o verdadeiro conhecimento — conhecimento que devemos passar ao mundo à beira da morte e confuso, intelectualmente perdido na alienação. Deus nos outorgou a Bíblia para nos conceder o conhecimento verdadeiro, e faz parte do nosso chamado transmitir esse conhecimento verdadeiro a outras pessoas.

Cristo é nosso sacerdote, e em comunhão com ele todo crente é um sacerdote.

1 Pedro 2.5, 9; Apocalipse 1.6; 5.10; 20.6
Todo crente desfruta do privilégio da entrada imediata à presença de Deus por meio da oração. Nós devemos nos valer desse privilégio com diligência, e orarmos também pelos não cristãos à nossa volta.
Devemos procurar conduzir a Jesus quem não o conhece como Salvador, o grande Sumo Sacerdote.

Romanos 12.1, 2
Todo crente desfruta do privilégio de oferecer a si mesmo a Deus como sacrifício vivo.

Cristo é nosso rei, e com ele o crente é um rei.

1 Pedro 2.9; Apocalipse 1.6; 3.21; 5.10; 20.6
Somos o sacerdócio *real*. Devemos louvar a Deus agora, e reinaremos com Cristo na terra quando ele voltar.

Por meio da união com Cristo nós frutificamos em todas as fases da vida.

João 15.5
Permanecer em Cristo é o segredo da frutificação.

2 Coríntios 12.9
Não se trata da nossa força, mas do poder de Cristo em meio à nossa fraqueza.

Efésios 2.10
Depois de nos unirmos a Cristo, somos capazes de realizar boas obras.

Filipenses 1.11
O fruto que devemos apresentar depois de nos tornarmos cristãos deve decorrer do fato de Cristo agir em nós e por nosso intermédio.

Colossenses 2.10
Todos nós carecemos de Cristo para esta vida e também por toda a eternidade.

CAPÍTULO DEZESSEIS: O NOVO RELACIONAMENTO (DEUS, O ESPÍRITO SANTO, HABITA NO CRISTÃO)

Quando aceitamos Jesus como Salvador, temos um terceiro novo relacionamento: Deus, o Espírito Santo, habita em nós.

Joel 2.28, 29
O Antigo Testamento profetizou assim.

João 14.16, 17; 7.38, 39; 16.7; Atos 1.5
Cristo nos prometeu isso.

Mateus 3.11
João Batista falou assim a respeito de Cristo.

Atos 2.1-18
A promessa e a profecia foram cumpridas depois de Jesus ter morrido, ressuscitado e subido ao céu.

Romanos 8.9
Não existe ninguém que tenha aceitado Jesus como Salvador e não seja habitado pelo Espírito Santo.

1 Coríntios 3.16
O Espírito Santo habita em todos os que aceitaram Jesus.

1 Coríntios 6.19
O corpo do crente é templo do Espírito Santo. O templo de Jerusalém foi destruído alguns anos depois do registro desse versículo. O corpo de cada crente é agora templo de Deus.

2 Timóteo 1.14
O Espírito Santo habita no cristão.

Aqui estão alguns exemplos da atividade do Espírito Santo:

João 16.8
O Espírito reprova o mundo do pecado. Pelo fato de o cristão ser habitado pelo Espírito Santo, sua vida deve reprovar o mundo do pecado.

João 3.5, 6
A regeneração é obra do Espírito.

João 15.26; 16.14; Atos 5.32
Ele dá testemunho de Cristo, não de si mesmo.

1 Coríntios 12.4, 13; Efésios 2.22
Ele transforma a igreja (os cristãos de verdade) em um conjunto equilibrado.

2 Coríntios 13.14
A habitação do Espírito lida com o cristão. Ele comunica ao crente os benefícios da redenção.

João 14.16-18; Romanos 8.9-11
Quando o Espírito Santo habita em nós, Cristo habita em nós.

João 14.23
Quando o Espírito Santo habita em nós, o Pai e o Filho fazem de nós seu lar. A habitação do Espírito Santo é o agente de toda a Trindade quando somos morada dele.

João 14.26; 15.26; 16.7; Atos 9.31
A habitação do Espírito Santo é o conselheiro do cristão. A palavra grega traduzida por "conselheiro" é um vocábulo difícil de verter. Ela também pode significar consolador, advogado, protetor, arrimo. Literalmente significa "alguém chamado para se posicionar ao lado de outra pessoa e auxiliá-la".

João 14.26; 16.13; 1 Coríntios 2.12, 13; Hebreus 10.15, 16;
1 João 2.20, 27
O Espírito que habita em nós é nosso mestre, em especial ao nos abrir a mente pata entendermos a Bíblia.

Atos 1.8
Ele é a fonte de poder do cristão.

Lucas 12.11, 12
Ele dá ao crente as palavras certas no momento da perseguição.

Romanos 5.5; 14.17; 15.13; 1 Tessalonicenses 1.6; Gálatas 5.22, 23

O Espírito que habita o crente concede a ele as graças cristãs do amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade etc. Como todos os cristãos são habitados pelo Espírito, o fruto do Espírito deve ser apresentado por todos os cristãos.

A grande distinção do cristão verdadeiro é a habitação do Espírito Santo. Quão cuidadoso ele deve ser para que nada em seus pensamentos ou sentimentos seja ofensivo ao convidado divino!
—Dr. Charles Hodge

Esse novo relacionamento com o Deus trino compreende então a segunda bênção da salvação — sendo a justificação a primeira. Esse novo relacionamento, como vimos, é triplo:

1) Deus, o Pai, é o Pai do cristão.
2) O Filho unigênito de Deus é nosso Salvador e Senhor, nosso profeta, sacerdote e rei. Nós nos identificamos e estamos unidos com ele.
3) O Espírito Santo vive em nós e se relaciona conosco. Ele nos comunica os vários benefícios da redenção.

CAPÍTULO DEZESSETE: O NOVO RELACIONAMENTO (A IRMANDADE DOS CRENTES)

Vimos que quando recebemos Jesus como Salvador somos justificados de imediato, e damos início a um novo relacionamento com Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo.
Quando participamos desse novo relacionamento com o Deus trino, todos os indivíduos que confiaram em Cristo como seu Salvador são nossos irmãos. Isso tem sido chamado de "a comunhão dos santos".

Mateus 23.8
Nem todos os homens são irmãos, de acordo com a utilização bíblica do termo. Todos nós fomos criados por Deus. Todos descendemos de Adão e Eva, todos os homens são o "meu próximo" e devem ser tratados com cuidado (Lc 10.27-37). Mas nos termos da Bíblia, somos irmãos de quem tem Cristo como seu Salvador e, portanto, tem em Deus seu Pai.

Gálatas 6.10
Devemos fazer o bem a *todos os homens*, mas existe uma linha divisória clara entre a "família da fé" e as outras pessoas.

Efésios 2.19
Antes de recebermos Jesus como nosso Salvador, éramos estrangeiros e peregrinos. Mas quando nos tornamos cristãos, fomos feitos concidadãos e membros da casa de Deus com todos os outros que agiram da mesma forma.

1 Tessalonicenses 5.14, 15
Mais uma vez somos exortados a fazer o bem a todas as pessoas. Todavia, torna-se nítida mais uma vez a existência da distinção entre os da "família da fé" e os outros.

1 Pedro 2.17
Temos um relacionamento especial com os irmãos em Cristo.

1 João 1.3
Uma pessoa não pode ter verdadeira comunhão espiritual com os cristãos até ter ouvido as verdades do evangelho e ter agido de acordo com essas informações ao aceitar Jesus como Salvador.

Apocalipse 19.10
Os irmãos são definidos como os que se apegam ao testemunho de Jesus.

João 13.30, 34, 35

Judas, que não cria em Cristo, abandonou a mesa antes da outorga desse mandamento a respeito do amor especial entre os cristãos.

João 21.23
É claro que o termo "irmãos", usado aqui, se refere a crentes.

Atos 9.17
Saulo foi considerado "irmão" só depois de ter aceitado Jesus como Salvador.

Atos 21.17
Apenas os outros crentes eram "os irmãos".

1 Coríntios 7.12
Nessa passagem, o homem é crente, e, portanto, irmão.
A mulher não é crente, por isso não lhe foi aplicado o termo.

Existem três aspectos práticos da irmandade dos crentes.
O primeiro aspecto prático é que os irmãos em Cristo devem ser um auxílio espiritual *para os demais.*

Romanos 12.10
Os cristãos devem se amar e desejar o bem dos irmãos acima do próprio bem.

1 Coríntios 12.26, 27
Os cristãos devem se entristecer quando outros cristãos sofrem, e devem se alegrar quando outros cristãos se alegram.

Romanos 15.30; 2 Coríntios 1.11
Os irmãos cristãos devem orar uns pelos outros.

Efésios 4.15, 16
Quando os cristãos se tornam individualmente o que devem ser, também a igreja se torna o que deve ser. Cada cristão tem algo a contribuir no processo.

Efésios 5.21-6.9
A irmandade dos crentes deve ser o fator predominante entre os cristãos em todos os relacionamentos da vida. Isso é verdade em relação a maridos e mulheres, filhos e pais, servos e mestres, empregados e patrões. Em todos esses relacionamentos também devemos ser irmãos e irmãs. Veja Cântico dos Cânticos 4.9, 10, 12: existe o relacionamento duplo de irmã e noiva.

Efésios 6.18
Os cristãos devem orar uns pelos outros e por todos os cristãos. A irmandade dos crentes perpassa nacionalidade, raça, língua, cultura, posição social e localização geográfica.

1 Tessalonicenses 5.11
Os dois grandes auxílios espirituais que os irmãos em Cristo devem ser uns para os outros consiste no encorajamento e na edificação mútuos. O último significa a capacidade para ajudar os cristãos a serem o que devem em relação à doutrina e vida.

O segundo aspecto prático é que os irmãos em Cristo também devem ajudar uns aos outros em sentido material.

Atos 11.29
Desde os primeiros dias da igreja, os cristãos partilharam bens materiais para o auxílio dos irmãos em Cristo com menos posses, mesmo aos encontrados em grande distância geográfica.

2 Coríntios 8.4
Esse é um de vários exemplos apresentados no Novo Testamento de cristãos contribuindo financeiramente para ajudar outros cristãos que passavam por necessidades materiais.

Romanos 12.13; Tito 1.8; Filemom 5, 7, 22
Uma forma de ajuda prática é ser hospitaleiro.

1 João 3.17, 18
Não há utilidade em se falar a respeito do amor cristão se nós não ajudamos nossos irmãos em Cristo quando eles passam por necessidades materiais.

Atos 5.4
Os cristãos ajudavam uns aos outros em sentido material, mas o faziam em caráter voluntário.
Cada pessoa mantinha os direitos sobre a propriedade e a posse de seus bens.
O terceiro aspecto é que os irmãos em Cristo devem usufruir da comunhão e da companhia *uns dos outros.*

Atos 2.42, 46
Desde os primeiros dias da igreja, os cristãos mantinham comunhão diária entre si.

Efésios 4.1-3; Colossenses 2.1, 2
Os verdadeiros cristãos devem tentar exercer a comunhão em amor e paz.

Hebreus 10.25
É um mandamento direto de nosso Senhor que, depois de nos tornarmos cristãos, devemos nos reunir para adorar com outros cristãos. Não se trata de algo próprio do período inicial da igreja; isso deve perdurar até a volta de Cristo. O versículo diz que devemos ser cuidadosos em especial com a guarda desse mandamento quando nos aproximamos do tempo da segunda vinda de Cristo. Se aceitamos Jesus como nosso Salvador, somos responsáveis pela procura de um grupo de crentes na Bíblia dentre o povo de Deus, onde exista a doutrina correta e verdadeira comunhão em amor. Não devemos nos unir a qualquer grupo que se diga cristão, mas sim onde haja ensinos bíblicos, onde a disciplina seja mantida em relação à vida e doutrina, e onde exista uma comunidade verdadeira. Caso não exista um grupo assim em sua área geográfica (como acontece em alguns lugares), então orando ao Senhor devemos nos encontrar mesmo em pequeno número a fim de nos reunirmos para adorar, orar, estudar e encorajar uns aos outros a fim de sermos uma comunidade.

Vimos que a irmandade dos crentes cruza todas as linhas do espaço. Ela também cruza todas as linhas do tempo.

Hebreus 12.22, 23
Essa irmandade não inclui apenas os cristãos na terra hoje, mas também os cristãos que se encontram no céu.

CAPÍTULO DEZOITO: NUNCA MAIS PERDIDO

Vimos que a salvação inclui de imediato a justificação e o novo relacionamento. Agora chegamos à terceira consideração: tão logo tenhamos aceitado Jesus como Salvador, jamais nos perderemos de novo.

Romanos 8.31-34
Jamais nos perderemos de novo, por causa da perfeição da obra sacerdotal de Cristo por nós. A base da salvação não está nas boas obras do passado, presente ou futuro, mas na obra perfeita de Cristo. A obra sacerdotal de Cristo inclui dois aspectos: sua morte perfeita e sua intercessão perfeita a nosso favor agora.

Hebreus 7.25
Essa passagem nos faz lembrar de tudo que estudamos sob o tópico da obra de Cristo como sacerdote, incluindo-se a intercessão presente por nós.
Você se lembrará de que esse versículo ensina que o Senhor nos salva de modo completo e para sempre. Os cristãos poderiam se perder de novo se Jesus falhasse como sacerdote.

Romanos 8.28-30; Efésios 1.3-7
Depois de nos tornarmos cristãos ao aceitarmos Jesus, aprendemos que Deus, o Pai, nos escolheu. Os cristãos poderiam se perder de novo só se a primeira pessoa da Trindade, o Pai, falhasse.

Efésios 1.13, 14
Antigamente, quando um homem comprava uma terra, era-lhe dado um punhado de terra (uma garantia ou selo) que significava que toda a terra lhe pertencia. O fato de o Espírito Santo agora viver em nós é o depósito que garante que um dia obteremos todos os benefícios da salvação.
Nós não nos perderemos de novo.

Efésios 4.30
Nos séculos passados, o rei selava o documento com cera e, em seguida, marcava a cera com seu anel. Nenhum homem se atreveria a romper o selo, exceto sob a autoridade do rei. A passagem diz que o próprio Deus nos selou com o Espírito Santo que habita em nós até o dia da redenção — isto é, até o dia da volta de Jesus e da nossa recepção de todos os benefícios da redenção. Um rebelde pode quebrar o selo de um rei humano, mas nada que Deus criou pode romper seu selo.

Romanos 8.26
Quando nós não sabemos orar por nós mesmos como deveríamos, o Espírito que habita

em nós ora a nosso favor. Os cristãos podem se perder de novo só se o Espírito Santo falhar.

João 10.27-29
Cristo diz que quando o aceitamos como nosso Salvador, temos a vida eterna. A vida eterna não pode ser mais curta que a eternidade. Cristo diz que jamais pereceremos; "nunca" só pode significar "jamais". Jesus afirma que nada pode nos arrancar da mão de seu Pai.
Não fomos nós que nos apegamos a Deus; ele se apegou a nós.

Romanos 8.35-39
Aqui Deus diz de forma específica que nenhuma criatura pode nos separar de si mesmo depois de termos nos achegado a ele mediante Jesus Cristo.

Filipenses 1.6
"O dia de Jesus Cristo" é a segunda vinda de Cristo, quando receberemos os benefícios plenos da salvação.

1 João 4.13; 5.13
Repare no uso da palavra "conhecer". Deus deseja que tenhamos certeza de que lhe pertencemos para sempre.

2 Timóteo 4.7, 8
Paulo tinha essa segurança.

Romanos 8.15, 16
A segurança de que nós somos filhos de Deus e de que seremos seus para sempre é uma das melhores coisas que Deus nos deixa entender depois da aceitação de Jesus como Salvador. Nem todos os verdadeiros cristãos sentem essa segurança; mas caso não o façam, não usufruem de uma das vantagens das riquezas de Cristo Jesus que consiste agora em um de seus privilégios.

João 3.36
"Quem crê no Filho tem a vida eterna". Se você tem consciência de ter crido em Jesus para a sua salvação e não confia em suas obras morais ou religiosas, então você conta com a promessa expressa de Deus de que você possui a vida eterna, *agora e para sempre*.

CAPÍTULO DEZENOVE: SANTIFICAÇÃO (A)

Vimos que uma vez que aceitamos Jesus como Salvador, somos justificados.
Entramos em um novo relacionamento com as três pessoas da Trindade. Jamais nos perderemos de novo. Nesse estudo começaremos a considerar a outra parte da nossa salvação — a santificação. Enquanto a justificação lida com o passado (uma vez que me tornei cristão), a santificação lida com o presente.
Ela diz respeito ao poder do pecado na vida do cristão.
A justificação é idêntica para todos os cristãos, mas obviamente a santificação tem mais progresso em alguns cristãos que em outros. Escrevi um livro todo sobre o tema da santificação intitulado Verdadeira espiritualidade.

Romanos 8.29, 30
A salvação não é um espaço em branco desde o momento da nossa justificação até a chegada do céu. Longe disso, é uma corrente que envolve o passado (quando nos tornamos cristãos), o presente e segue em direção ao futuro. Se tivermos aceitado Jesus de fato como nosso Salvador, esse ato resultará em muitas implicações para a vida presente, incluindo-se o fato de que nossa vida deve demonstrar que pertencemos a Cristo.

Colossenses 3.1-3
Uma vez que aceitamos Jesus como Salvador pessoal, isso deve fazer a diferença na forma que vivemos.

João 15.1-5
Se um homem é cristão de verdade, deve existir algum fruto espiritual em sua vida.

1 Tessalonicenses 5.23; Hebreus 13.20, 21
Deus, o Pai, atua na nossa santificação.

Efésios 5.25, 26; Tito 2.11-14
E também Deus, o Filho.

1 Coríntios 6.11; 2 Coríntios 3.18; 2 Tessalonicenses 2.13
Deus, o Espírito Santo, é ativo na nossa santificação.

Romanos 12.1-19; 2 Coríntios 7.1; Colossenses 3.1—4.6
Esses são apenas alguns dos mandamentos encontrados na Bíblia a respeito de como devemos proceder na vida. Sendo cristãos, a lei de Deus é nossa regra de vida. Em passagens como essas, Deus nos diz o que se conforma a seu caráter e o que lhe agrada. O fato de sermos cristãos deve fazer a diferença em cada aspecto da nossa vida.

1 Coríntios 6.20

Fomos salvos pela fé, não pelas boas obras. Mas depois de termos sido salvos, devemos demonstrar gratidão em nossa existência por meio de boas obras.

Mateus 22.37, 38; Apocalipse 2.1-5
A única motivação correta para o desejo de abandonar os pecados e crescer em sentido espiritual é nosso amor a Deus. O temor de sermos pegos (etc.) não ajudará em nada. Devemos viver a vida cristã porque amamos o Senhor e desejamos glorificá-lo.

João 15.8
Quando o crente peca, ele não glorifica o Pai celestial como deve.

Filipenses 1.20
Quando o crente peca, ele não demonstra a glória de Cristo na vida presente, como deve fazer as pessoas nascidas de novo.

Romanos 8.9; Gálatas 5.16-25; Efésios 5.18; 4.30; 1 Tessalonicenses 5.19
Quando a pessoa aceita Jesus como Salvador, ela passa a ser habitada de imediato pelo Espírito Santo. Mas quando o crente peca, ele anda segundo a carne, e não de acordo com o Espírito. Ele entristece o Espírito Santo que habita nele e lhe apaga o fogo.

1 João 1.3, 7; 2.1
Quando o cristão peca, não perde a salvação. O sangue de Cristo é suficiente para cobrir o pecado; e Jesus, à destra do Pai, intercede pelo cristão. Mas o cristão rompe a comunhão com Deus quando peca. Se o filho é desobediente, não deixa de ser filho dos pais. Mas se esvai a alegria do relacionamento entre o pai e o filho. Enquanto nossa comunhão com o Pai celestial estiver rompida pelo pecado, não poderemos experimentar poder espiritual ou alegria.

Hebreus 12.5-11
Quando o crente peca, Deus o castiga, da mesma forma que os pais humanos amorosos castigam os filhos. Deus não o faz para nos punir, pois nossos pecados foram punidos de uma vez por todas no Calvário, mas para gerar o fruto agradável da justiça na nossa vida.
No entanto, é muito importante lembrar que nem todas as dificuldades da vida resultam de pecados pessoais. Considere, por exemplo, as provações de Jó.

2 Coríntios 5.9, 10; 1 Coríntios 3.11-15; Lucas 19.11-27
Na vida futura, o cristão receberá galardões, que dependerão de como ele vive depois de haver se tornado crente. Repare, no texto de Lucas, na distinção entre os cristãos (servos), que recebem recompensas, e os não cristãos (súditos e inimigos), deixados de

lado.

1 Coríntios 11.31, 32
Quando o cristão peca, sua comunhão com Deus pode ser restaurada.
A primeira coisa necessária é reconhecer que nosso ato é pecado. Tão certo quanto Deus, o Pai, é nosso Pai, se nós não agirmos de acordo com sua vontade ele nos corrigirá — não nos punirá, mas nos trará para perto de si mesmo.

1 João 1.9
Depois do exame de consciência, de reconhecer o pecado como pecado, o crente deve confessar seu pecado a Deus — não a um sacerdote ou a qualquer outro homem, e sim de modo direto a Deus. Ele é nosso Pai, e podemos entrar em sua presença por meio da oração a qualquer momento. Precisamos submeter o pecado específico à obra consumada de Cristo. Assim nossa comunhão com Deus é restaurada. Depois da confissão, a questão está encerrada, a menos que eu tenha atingido outra pessoa com meu pecado. Então, é claro, se eu me arrepender, desejarei fazer a restituição.

1 João 1.8
O processo de santificação continua até a morte. Pela graça de Deus, o cristão sempre terá novas áreas a vencer por Cristo.

CAPÍTULO VINTE: SANTIFICAÇÃO (B)

Mateus 5.48
Apesar de sempre termos novas áreas para serem ganhas para Jesus em nossa vida, nosso padrão a cada momento não deve ser mais baixo que o mandamento divino — ou seja: a perfeição.

Efésios 4.12, 13; 2 Pedro 3.18
Ainda que seja uma verdade confortadora saber que quando o cristão peca ele pode confessar o pecado e ter a comunhão com Deus restaurada, a vida cristã deveria ser muito mais que repetição dos mesmos velhos pecados e sua confissão.

Romanos 6.1-19
Se participamos dos benefícios da morte de Cristo para a justificação, devemos também participar do poder de sua vida para que não mais sirvamos ao pecado — o pecado não deve reinar em nós e por nosso intermédio. À medida que nos rendemos a Cristo, ele produzirá seu fruto por nosso meio.

2 Coríntios 13.14
Como vimos em nossos estudos sobre o "novo relacionamento" com Deus, nós nos relacionamos de forma íntima com os três membros da Trindade. Nosso relacionamento nunca é mecânico e apenas legal. Ele é pessoal e vital. Deus, o Pai, é meu Pai; eu estou unido com Deus, o Filho, e me identifico com ele; Deus, o Espírito Santo, habita em mim. A Bíblia nos diz que esse relacionamento triplo é um fato real, da mesma forma que ela nos diz que a justificação e o céu são fatos.

Vimos que assim que somos salvos, permanecemos salvos para sempre, mas alguns cristãos não desfrutam dessa confiança pelo fato de nunca terem percebido o que a Bíblia ensina a respeito da segurança ou, conhecendo os fatos, acabam não descansando neles.
Também é possível ser cristão e ainda não viver os privilégios que nosso relacionamento vital com as três pessoas da Trindade deve proporcionar à vida cristã. Em primeiro lugar, é preciso tomar consciência, em sentido intelectual, do fato do nosso relacionamento vital com o Deus trino e, em seguida, começar a agir a partir dessa percepção, com fé. Nesse ponto sugiro que você volte a ler os três estudos sobre o nosso "novo relacionamento" com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Efésios 3.14-19; 2 Coríntios 12.9
Não é a minha fraqueza, mas o poder do Deus trino que conta.

1 João 5.3-5

A vitória que sobrepuja o mundo é a nossa fé. (Ela não é a base da nossa fé; na santificação, como na justificação, a única base é a obra perfeita e consumada de Cristo.) A Bíblia nos informa tanto sobre o fato da justificação quanto do relacionamento presente e vital com a Trindade. No entanto, a mera aceitação intelectual não é suficiente nesses casos. Só conhecermos os fatos não é suficiente; devemos descansar neles com fé. A justificação é um *ato*; eu me lanço a Jesus como Salvador apenas uma vez, e Deus me declara justificado para sempre. A santificação é um *processo* iniciado quando aceito Cristo como meu Salvador e ele continua até a minha morte. Assim, para minha caminhada cristã diária, preciso descansar, pela graça de Deus, com fé no meu relacionamento vital e presente com as três pessoas da Trindade em todos os momentos da minha vida. Tanto na justificação como na santificação preciso perceber minha incapacidade de cumprir a lei de Deus com minhas forças. Portanto, para ser justificado precisei descansar com fé em Cristo como meu Salvador; na santificação, em todos os instantes, eu me apego ao relacionamento vital e presente com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Bíblia me diz que esse relacionamento vital é um fato. Por meio da fé eu me aproprio desse fato e o aplico ao momento que vivo — e vida nada mais é que a sucessão de momentos. Portanto, pela graça de Deus, "os seus mandamentos não são penosos" (v. 3). Que eu tenha, pela graça de Deus, poder spiritual, e que o Senhor seja o meu cântico.

CAPÍTULO VINTE E UM: SANTIFICAÇÃO (C)

1 Pedro 2.2; João 17.17; Atos 17.11; Atos 20.32; Efésios 5.26; 2 Timóteo 2.15
Existem quatro práticas que nos ajudam muito a crescer em sentido espiritual.
A primeira é o estudo da Bíblia, a Palavra de Deus.

Filipenses 4.6; 1 Tessalonicenses 5.17
A segunda é a oração. Devemos cultivar o costume de orar de duas formas:
1) Momentos especiais de oração: por exemplo, durante a manhã e a tarde, agradecer pelo alimento, e de modo mais esporádico: dias especiais de oração.
2) Orar de maneira constante enquanto cuidamos dos afazeres diários.

Atos 1.8
A terceira prática é testemunhar a respeito de Jesus. Essa ordem diz respeito a todos os cristãos. Você pode fazer a sua parte, sendo alguém que "fale" sobre ele onde quer que o Senhor o coloque.

Hebreus 10.24, 25; Atos 2.46, 47
A quarta é a frequência regular a uma igreja bíblica. Como vimos no tópico "A irmandade dos crentes", não significa qualquer igreja ou grupo, mas um grupo fiel à Palavra de Deus — em que haja ortodoxia na doutrina, no amor e na comunidade. Repetindo o que foi dito no tópico "A irmandade dos crentes": "Caso não exista um grupo assim em sua área geográfica (como acontece em alguns lugares), então orando ao Senhor devemos nos encontrar mesmo em pequeno número a fim de nos reunirmos para adorar, orar, estudar e encorajar uns aos outros a fim de sermos uma comunidade".

Com relação à participação em uma igreja bíblica, também temos o privilégio de participar da ceia do Senhor.
É algo poderoso saber que fomos justificados e que estaremos no céu. Contudo, nosso desejo presente deve ser dar glória ao Deus trino pelo fato de amarmos o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS: GLORIFICAÇÃO NA MORTE

Como vimos antes, nossa salvação inclui o passado, o presente e o futuro. Se aceitamos Jesus como Salvador, a justificação (a declaração divina de que nossa culpa foi coberta) é um ato passado. A santificação lida com o presente. A glorificação é o que acontece com o cristão na morte e depois dela.

2 Tessalonicenses 1.4-10
A Bíblia fala aqui do que todos nós podemos observar no mundo à nossa volta. É óbvio que as contas da vida não são acertadas em sua duração. Os cristãos são perseguidos com frequência, e os ímpios parecem prosperar. Essa passagem da Escritura ensina que o fato dessas desigualdades acontecerem agora prova a existência do juízo divino futuro — algo perfeitamente justo. Haverá um acerto de contas.

João 3.36
Quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, recebemos a promessa da salvação que não termina nesta vida; a salvação é eterna e perpétua.

Eclesiastes 12.7
Observe a distinção clara feita aqui entre o corpo e a alma na morte. A morte física é a separação entre corpo e alma.

Lucas 23.39-43
Quando o cristão morre, o corpo vai para a sepultura, mas a alma parte de imediato para o encontro com Cristo.

Atos 7.54-59
Na morte do cristão, a alma se encontra imediatamente na presença de Cristo.

2 Coríntios 5.6, 8
Para o cristão, a morte não é algo temível. Ela nos dá acesso a algo muito melhor que qualquer bem atual. Isso não muda o fato de a morte ser anormal, causada pela Queda.

Lucas 9.28-36
Moisés morreu e foi enterrado 1500 anos antes desse evento acontecer. Mas os discípulos o reconheceram, embora nunca o tenham visto e apesar de, até onde sabemos, seu corpo ainda estar na sepultura. Quando morrermos, poderemos esperar reconhecer nossos amados e outros cristãos, mesmo que seus corpos ainda estejam na sepultura.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS: GLORIFICAÇÃO NA RESSURREIÇÃO

Gênesis 2.7
Deus fez o corpo bem como a alma de cada um de nós.

Gênesis 3.1-20
A queda do homem no pecado envolveu o ser humano completo, corpo e alma. Tendo o homem pecado, três mortes lhe sobrevieram. A morte espiritual (a separação de Deus) veio de imediato. A morte física é o que geralmente chamamos de "morte". A morte eterna acontecerá depois do juízo final. Quando aceitamos Jesus como nosso Salvador, a primeira e a terceira mortes descritas acima deixam de existir para nós. Nossa comunhão com Deus é restaurada e nossos pecados são punidos de uma vez por todas no Calvário. A segunda morte, a separação entre alma e corpo na morte, ainda deve ser enfrentada.

Romanos 8.23
Temos os "primeiros frutos do Espírito", mas o último passo ainda resta ser concretizado — "a redenção de nossos corpos".

1 Coríntios 15.12-26
Da mesma forma que Cristo ressurgiu fisicamente dentre os mortos, também o corpo dos cristãos ressurgirá. Quando isso acontecer, nossa redenção e salvação estarão completas. Deus fez o homem todo e o homem todo caiu, assim a totalidade do homem será redimida.

1 Coríntios 15.52-58; 1 Tessalonicenses 4.13, 14
O corpo dos cristãos que tiverem morrido ("aqueles que dormem") será ressuscitado dentre os mortos quando Cristo retornar.

1 Coríntios 15.51, 52; 1 Tessalonicenses 4.13-18
Esses versículos nos mostram que os cristãos vivos quando Cristo vier de novo não passarão pela morte. Eles terão o corpo transformado em um piscar de olhos. E passarão de imediato da vida presente para a glorificação plena.

Filipenses 3.20, 21; 1 João 3.2
Os corpos glorificados de todos os cristãos (quer tenham morrido e ressuscitado ou transformados em um piscar de olhos) serão semelhantes ao corpo de Cristo após sua ressurreição.

João 20.26
Após a ressurreição, o corpo de Cristo podia atravessar portas fechadas. Após nossa glorificação, seremos capazes de fazer o mesmo.

Lucas 24.36-43
Após a ressurreição, Cristo podia comer, e de fato o fez. Após nossa glorificação, seremos capazes de também agir assim.

João 20.27, 28
A conclusão de cada Evangelho e o início de Atos dos Apóstolos nos conta a respeito do corpo maravilhoso de Jesus após a ressurreição. Mas é claro, a partir do versículo 27 e de outros textos, que esse não era um novo corpo recebido após a ressurreição, mas o mesmo corpo de antes da morte e na sua morte. Após nossa glorificação, teremos o mesmo corpo que temos agora, mas ele será glorificado, transformado, mas permanecerá o mesmo.

SEÇÃO QUATRO: AS COISAS DO FUTURO

CAPÍTULO VINTE E QUATRO: O MUNDO EXTERNO E O POVO DE DEUS

Nesta série de estudos da Bíblia, consideramos três grandes seções: "Deus", "Como Deus lida com o homem", e "Salvação". Agora finalizaremos com uma breve seção de dois estudos sobre "As coisas do futuro". Sem dúvida, o que já estudamos sobre a glorificação do cristão na morte e na ressurreição também é futuro para nós.

Neste capítulo olharemos para o mundo externo e o povo de Deus.

Lucas 17.26-30; 18.8
O mundo não está se tornando melhor e melhor. A esperança cristã não é a melhoria gradual do mundo, mas o fato de Jesus voltar.[2]

Atos 1.10, 11; Marcos 13.26; 1 Coríntios 15.23; Filipenses 3.20, 21; 1 Tessalonicenses 1.10; 2.19; 3.13; 4.14, 16, 17; 2 Tessalonicenses 1.7; 1 Timóteo 6.14; Tito 2.12, 13; 2 Pedro 3.3-14; Apocalipse 1.7, 8
A segunda vinda de Cristo é anunciada com clareza. A história caminhando para determinado lugar!

Atos 1.6-9; Mateus 24.36; 25.13; Marcos 13.32, 33; Lucas 12.35-40
O tempo do retorno de Cristo não nos é informado. Esses versículos não nos ensinam a estabelecer datas, afirmando sabermos quando ele voltará. No entanto, os textos nos dizem que Cristo pode voltar a qualquer momento. O cristão deveria esperar por ele de modo constante. O mandamento diz para "vigiar".

1 Tessalonicenses 3.13; 4.13-17
Os verdadeiros cristãos, que colocam fé em Cristo como Salvador, serão arrebatados para o encontro com Jesus no ar e então descerão com ele. Nesse momento o corpo de cada cristão morto será ressuscitado e os cristãos vivos serão glorificados em um abrir e fechar de olhos.

Mateus 24.36-44; Lucas 17.26-30, 34-36; 21.36; Isaías 26.19-21
Noé estava fora de perigo na arca antes do Dilúvio chegar. Ló estava seguro antes da destruição de Sodoma começar. Parece que, da mesma forma, os cristãos verdadeiros serão retirados do perigo antes da ira de Deus ser derramada sobre a terra. Alguns cristãos estarão dormindo quando forem arrebatados, alguns serão ressuscitados. Mas todos os verdadeiros cristãos serão arrebatados. Os perdidos serão deixados.

Mateus 25.1-13
Nessa parábola o Senhor mostra que nem todos os membros das igrejas serão

arrebatados. Os membros das igrejas que não colocam fé pessoal em Cristo como Salvador serão deixados.

2 Tessalonicenses 2.1-12; Apocalipse 13.1-18
Antes de Cristo voltar de forma visível e em glória com seus santos, haverá um período de grande apostasia com um ditador, chamado "o Anticristo", governando o mundo. Ele é o oposto completo de Cristo e se lhe opõe, sendo completamente subserviente a Satanás, o "dragão". Ele controlará o governo e a vida econômica, e será adorado como Deus.

Apocalipse 6.1-17; 8.7—9.21; 11.13, 14; 15.1
A ira de Deus é derramada sobre a terra durante esse período.

Apocalipse 16.13-16; 19.11-21
Aqui Cristo vem de maneira observável e em glória. Ele destrói o poder reunido do mundo organizado contra ele pelo Anticristo e Satanás. Trata-se da batalha do Armagedom. Não é apenas uma grande guerra entre nações; ela significa o confronto final entre o poder do mundo sob o Anticristo e Satanás, e Cristo e os cristãos glorificados. O Armagedom é a planície de Megido em Israel.

Apocalipse 20.1-6; Romanos 8.18-23; Isaías 11.1-10
O Diabo está preso, e Cristo governa a terra por mil anos. O corpo de cada cristão verdadeiro terá sido redimido e glorificado. Então a maldição que Deus colocou sobre a terra (Gn 3.17,18) por causa do pecado do homem será removida. O mundo será, durante esse período, normal outra vez — isto é, como Deus o fez.

Apocalipse 20.6; Lucas 19.11-27
Os cristãos (servos) reinarão com Cristo durante esse período. Aparentemente nosso lugar de serviço nesse período será condicionado pela fidelidade no tempo presente.

Romanos 11.25-19; Isaías 11.10—12.6; Jeremias 30.7-11; Zacarias 12.8-10; 13.6; 14.16-21
Quando Cristo retornar em glória, os judeus o verão como o verdadeiro Messias a quem eles, como nação, rejeitaram; e crerão nele.

Apocalipse 20.7-15
Ao final dos mil anos, Satanás será solto. Haverá a revolta final contra Cristo, e o juízo dos perdidos acontecerá.

Apocalipse 21.1—22.5
Haverá novo céu, nova terra e a cidade celestial. É algo definitivo, de forma que essa

passagem pode declarar o tamanho da cidade celestial, do que ela é construída, do que são feitos seus fundamentos, portões e ruas. É uma realidade objetiva. É eterna — para sempre e sempre, sem fim.

Quando estivermos ali por dez mil anos, brilhando resplandecentes como o sol, não teremos menos dias para cantar o louvor de Deus,
do que quando pela primeira vez começamos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO: OS PERDIDOS

Estudamos o presente e o futuro de quem aceitou o dom da salvação divina ao receber Jesus como Salvador. Este estudo final trata do outro lado.

Apocalipse 19.20
O texto descreve o fim do Anticristo e também do falso líder religioso que lidera sua adoração.

Apocalipse 20.10
Criado originariamente como um anjo, Satanás revoltou-se contra Deus. Esse é seu fim.

Judas 6; 2 Pedro 2.4; 1 Coríntios 6.3; Mateus 8.28, 29
Esse é o fim dos anjos que seguiram Satanás em sua revolta.

Romanos 2.5, 6; 2 Tessalonicenses 1.4-9
Há o dia do juízo para os homens e as mulheres que seguem Satanás em sua revolta.

Daniel 12.2; João 5.28, 29; Atos 24.15
Haverá a ressurreição física futura dos perdidos.

Apocalipse 20.5, 6
A ressurreição física dos perdidos acontecerá mil anos após a ressurreição física dos cristãos. Todos os cristãos serão ressuscitados na primeira ressurreição, e eles não temerão a "segunda morte" — a condenação decorrente do juízo final. A pessoa nasce duas vezes (de forma natural e quando é gerada de novo ao aceitar Jesus como Salvador) ou morre duas vezes (a morte natural e a eterna).

João 8.44; Mateus 25.41, 46; Apocalipse 20.11-15
O fim dos perdidos é o mesmo fim do Diabo e dos anjos que o seguiram. Como o ser completo (corpo e alma) de quem coloca a fé em Cristo é redimido, também o ser completo (corpo e alma) de quem rejeita o dom divino da salvação é julgado. O inferno foi preparado para o Diabo e seus anjos, e o resultado de segui-lo é terminar no mesmo lugar.

Mateus 3.12; 5.22; 8.12; 13.42, 50; 22.13; 25.30; Marcos 9.43, 48; 2 Pedro 2.17; 3.7; Apocalipse 19.20; 20.15
A Bíblia fala desse lugar nesses versículos e em muitos outros. Observe quantas dessas declarações foram proferidas pelo próprio Jesus — aquele que veio e morreu para que

o seu povo pudesse escapar da condenação aceitando-o como Salvador.

Lucas 12.48
Há graus de castigo. Como existe variação no galardão dos crentes, também existem graus de castigo para os perdidos. Ocorrerá um acerto de contas para ambos os lados do abismo.

Mateus 25.41, 46; 18.8; 2 Tessalonicenses 1.9; Judas 13; Apocalipse 20.10
As mesmas palavras usadas no original grego para designar a eternidade do futuro dos perdidos são utilizadas para qualificar o caráter eterno do futuro dos redimidos. Os dois desígnios permanecem em paralelo.

Ao concluir esse breve estudo, o que deveria ocupar nossa mente?

Romanos 5.8, 9; Efésios 2.1-9; 1 Tessalonicenses 1.10
Se somos cristãos, lembremo-nos de que fomos salvos exatamente disso pela morte de Cristo no Calvário. Ele sofreu ali infinitamente para que não precisássemos permanecer separados de Deus para sempre.

Mateus 28.19, 20; Romanos 10.13-15; Apocalipse 22.17
Se somos cristãos, à luz do que estudamos, deveríamos nos ocupar da tarefa dada por Jesus à igreja na nossa era — contar o conteúdo do evangelho a outras pessoas.

Mateus 11.28-30
Se você ainda não aceitou Jesus como seu Salvador, se você ainda não é cristão, o Deus trino faz o convite a você para vir e aceitar o dom divino e gratuito da salvação, mediante a aceitação de Jesus como Salvador.

João 3.36
Se você não é cristão, esse texto o informa sobre o juízo de Deus que permanece sobre sua pessoa. Mas o mesmo versículo lhe diz com a maior clareza possível à linguagem humana a respeito da única coisa necessária para a obtenção da vida duradoura e eterna, de forma imediata e sem fim.

PARTE DOIS: DOIS CONTEÚDOS, DUAS REALIDADES

PREFÁCIO DO EDITOR AMERICANO

Para o dr. Francis Schaeffer, o estudo da Bíblia nunca poderia ser separado do restante da vida. A Bíblia, ele enfatizava, é a verdade — não apenas verdade no sentido "religioso" restrito, mas a verdade absoluta que toca cada área da vida do homem.

Por essa razão incluímos os breves capítulos que se seguem, extraídos do livreto *Dois conteúdos, duas realidades*, junto com os estudos bíblicos básicos precedentes.

O título — *Dois conteúdos, duas realidades* — indica os temas centrais do livreto. A expressão "dois conteúdos" faz referência inicialmente ao conteúdo da sã doutrina, fundado sobre os absolutos da Bíblia à medida que são efetuados pela "prática da verdade". O segundo conteúdo se refere ao enfrentamento das questões honestas da nossa geração, e às respostas com as respostas honestas disponíveis apenas na Bíblia.

Mas como Schaeffer sabia com tanta clareza a partir da própria experiência, não é suficiente conhecer a sã doutrina e saber as respostas corretas. Se somos verdadeiramente cristãos, deve haver também uma realidade correspondente — a realidade, em primeiro lugar, do andar momento a momento com Cristo, e a realidade, em segundo lugar, da beleza dos nossos relacionamentos uns com os outros.

Tendo completado os estudos bíblicos acima mencionados, então, eu lhe encorajo a ler e refletir sobre os capítulos seguintes e a descobrir o conteúdo e a realidade da Palavra de Deus vivida em todo o espectro da vida. Pois, como Schaeffer conclui o livreto, "quando existem os dois conteúdos e as duas realidades, começa-se a ver algo profundo acontecer em nossa geração".

Para os interessados em ler mais material do dr. Francis A. Schaeffer, os seguintes títulos são recomendados:

How Should We Then Live? (Crossway Books) apresenta uma crítica cristã penetrante da cultura ocidental desde o tempo de Cristo.

O *Francis A. Schaeffer Trilogy* (Crossway Books) inclui os três livros fundacionais de Schaeffer: *The God Who Is There*,[3] *Escape from Reason*,[4] e *He Is There is He Is Not Silent*.[5]

True Spirituality[6] (Tyndale House) apresenta *insights* profundos sobre o significado de viver a vida cristã com realidade.

Por último, os 22 livros de Schaeffer estão disponíveis em *The Complete Works of Francis A. Schaeffer* (Crossway Books).

— Lane T. Dennis
Presidente
Crossway Books

CAPÍTULO UM: SÃ DOUTRINA

Há quatro coisas que considero imprescindíveis se nós, como cristãos, haveremos de satisfazer a necessidade do nosso tempo e a pressão esmagadora enfrentada de modo crescente. Elas são dois conteúdos e duas realidades:

Conteúdo doutrinário claro

O primeiro conteúdo é o doutrinário claro com respeito aos elementos centrais do cristianismo. Não existe nenhuma utilidade em falar sobre satisfazer a ameaça do tempo vindouro ou cumprir nosso chamado [ao final] do século vinte a menos que conscientemente ajudemos uns aos outros a ter uma clara posição doutrinária. Devemos ter a coragem de não fazer concessões à teologia liberal e em especial à teologia existencial, neo-ortodoxa.

O cristianismo é um corpo específico de verdade; é um sistema, e não devemos nos envergonhar da palavra *sistema*. A verdade existe, e devemos nos apegar a ela. Haverá coisas incertas nas quais teremos diferenças entre nós, mas nas questões centrais não deve haver nenhuma concessão.

Os evangélicos podem cair em algo que na realidade não seja tão diferente da teologia existencial sem sabê-lo. Uma forma desse "existencialismo evangélico" é a atitude, se não as palavras, "Não faça perguntas, apenas creia". Esse tipo de atitude sempre foi errado, mas é duplamente errado hoje quando estamos rodeados do consenso monolítico que divide razão de não razão e sempre coloca as coisas religiosas na área da não razão. Devemos instar uns aos outros para nos afastarmos dessa ideia. Não é mais espiritual crer sem fazer perguntas. Não é mais bíblico. É menos bíblico, e mais tarde será menos espiritual, porque o homem todo não estará envolvido. Devemos estar absolutamente determinados a não cair na armadilha de dizer ou sugerir: "Não faça perguntas, apenas creia". O homem todo deve entender que o evangelho é verdade e crer por estar convencido sobre a base da boa e suficiente razão de sua veracidade.

Além disso, devemos ser bem cuidadosos ao enfatizar o conteúdo em nossas mensagens. A quantidade de conteúdo dependerá das pessoas com quem estamos trabalhando. No ambiente universitário, o conteúdo será um pouco diferente do exposto na situação em que as pessoas não são instruídas. Todavia, quer trabalhemos com homens ou mulheres sem instrução formal ou com intelectuais, em todas as ocasiões o evangelho que pregamos deve ser rico em conteúdo. Com certeza, devemos ser bem cuidadosos para não cair na solução barata (de aparência tão fascinante a princípio) de apenas levar as pessoas a fazerem decisões sem saberem de fato sobre o que estão se

decidindo. Nós em L'Abri recebemos pessoas que haviam "aceitado Jesus como Salvador", mas nem estavam convictas da existência de Deus. Elas nunca foram confrontadas com a questão da existência divina. A aceitação de Cristo como Salvador era algo abstrato, com conteúdo insuficiente. Na realidade, era apenas outro tipo de viagem.

Da mesma forma, na escola ou no colégio cristão, pode-se apenas tentar influenciar os estudantes com a religião, como algo à parte do intelecto, separado das disciplinas acadêmicas e do conjunto dos estudos. Devemos dizer não a isso.

O necessário é entender nossa era como uma era de manipulação religiosa e política muito sutil, manipulação mediante a comunicação fria, desprovida de conteúdo. E à medida que essas coisas são vistas, deve-se fazer oposição a elas. Dispomos de uma mensagem com conteúdo; há um sistema no cristianismo. Não se trata *apenas* de um sistema, mas da verdade; de fato, não se trata de um escolasticismo moderno, e sim do sistema em que a pessoa que aceita Jesus como Salvador deve fazê-lo a partir do entendimento de que antes da criação do mundo existia um Deus pessoal no alto nível da Trindade. E se quem "aceita Jesus como Salvador" e não entende que Deus existe como um Deus infinito e pessoal, e não entende que o homem foi criado à imagem de Deus e tem valor, e não entende que o dilema do homem não é metafísico por sua pequenez, mas moral porque se revoltou contra Deus na Queda espaçotemporal, com toda probabilidade não foi salva. Se "evangelizamos" pedindo a "aceitação de Jesus como Salvador", apenas garantimos que essas pessoas logo se afastem e se tornem mais difíceis de alcançar que antes. Nem todos precisam saber tudo — ninguém sabe tudo; se esperarmos ser salvos até que saibamos tudo, ninguém será salvo — mas isso é muito diferente de diminuir deliberada ou impensadamente o conteúdo.

Os absolutos da Bíblia

Outra forma de incorrer no "existencialismo evangélico" é tratar a primeira metade de Gênesis da forma que os teólogos existencialistas tratam toda a Bíblia. A primeira metade de Gênesis é história, história espaçotemporal, a Queda é a Queda espaçotemporal, ou não há conhecimento do motivo da morte de Jesus, e não se pode entender que Deus é realmente um Deus bom. Toda a nossa resposta ao mal se encontra na Queda histórica e espaçotemporal. Houve um tempo antes de o homem se revoltar contra Deus. A evidência interna de Gênesis e as evidências externas (dadas no Novo Testamento na medida em que o Novo Testamento fala da primeira metade de Gênesis) mostram que a primeira parte de Gênesis deve ser entendida de fato como história espaçotemporal — isto é, espaço e tempo, a urdidura e trama da história.

Em relação a isso existe o perigo de diminuir o conteúdo do evangelho de modo

reverso. Os cristãos bíblicos, que se opõem à teologia liberal quando ela afirma a inexistência de absolutos na Escritura, podem cometer o erro oposto, ao lhe adicionar outros elementos como se fossem igualmente absolutos. Em outras palavras, os absolutos da Palavra de Deus podem ser destruídos nos dois sentidos. Ou seja, os teólogos liberais podem dizer: "Não existe nada absoluto, e, de forma específica, a Bíblia não apresenta absolutos", ou os evangélicos podem se aproximar dos padrões da classe média e dizer: "Estes padrões são iguais aos absolutos da Palavra de Deus".

A ilustração óbvia é como a igreja trata o indivíduo contracultural ou a pessoa vestida de forma diferente. Jovens chegam até nós em L'Abri de todos os confins da terra, tornam-se cristãos e então tentam encontrar uma igreja que creia na Bíblia e que os aceite sem toda uma mudança de estilo de vida. Não quero dizer que eles tentam manter a vida nas drogas ou de sexualidade promíscua, o que seria contra a Palavra de Deus. Quero dizer, por exemplo, a forma como se vestem ou falam. Uma das minhas maiores tristezas é que a igreja evangélica muitas vezes não aceita a pessoa com estilo de vida próprio, a menos que se encaixe na norma da classe média da localização geográfica particular. E muitas vezes, infelizmente, não percebemos o que fazemos quando agimos assim. Não se trata apenas de uma falta de amor. Destruímos os absolutos da Palavra divina ao fazer algo mais equivalente aos absolutos de Deus.

Se você me perguntar a causa da fraqueza constante da igreja evangélica na questão racial (étnica) no passado, penso que o motivo seja o mesmo. Rodeados pela cultura com preconceitos raciais e que não considera todos os homens iguais, permitimos que isso se infiltrasse na igreja. Temos tabus à parte e mesmo contra a Palavra de Deus, e os sustentamos como iguais com os absolutos da Bíblia. Mas exaltar uma norma cultural como algo absoluto é ainda mais destrutivo hoje porque estamos rodeados pela sociedade totalmente relativista. À medida que tornamos outras coisas iguais aos absolutos da Palavra de Deus, isso pode não ser mais pecaminoso aos olhos de Deus que no passado, mas é mais destrutivo. Como consequência, quando falamos sobre conteúdo, tratamos de algo na verdade muito prático. Devemos contar com um conteúdo doutrinário forte, muito forte.

A prática da verdade

E quando se tem um forte conteúdo doutrinário, deve-se praticar o conteúdo, praticar a verdade na qual dizemos crer. Devemos mostrar a nossos filhos e ao mundo que nos vigia que levamos a sério a verdade. Numa era relativista, não se deve dizer que cremos na verdade e não sermos capazes de *praticar a verdade* nos lugares em que ela pode ser observada e seu preço é alto. Nós, como cristãos, dizemos crer na

existência da verdade. Alegamos contar com a verdade na Bíblia. E afirmamos ser capazes de transmitir a verdade a outros homens de forma propositiva e verbalizada, sendo-lhes possível obter a verdade. Essa é exatamente a alegação do evangelho, e isso é o que afirmamos. Mas então somos rodeados pela era relativista. Você pensa por um momento que teremos credibilidade se dissermos crer na verdade e, todavia, *não a praticarmos nas questões religiosas*? Se não fizermos isso, não poderemos esperar sequer por um momento que os jovens determinados do século XX (incluindo nossos jovens) levem a sério quando dizemos "aqui está a verdade" quando forem rodeados pelo consenso totalmente monolítico sobre a inexistência da verdade.

Considere um exemplo do mundo acadêmico. Uma garota que estava ensinando em uma das maiores universidades da Grã-Bretanha era uma cristã verdadeira e muito brilhante. Ela ensinava no Departamento de Sociologia cujo diretor era behaviorista, e ele lhe disse que ela deveria ensinar de acordo com o esquema do behaviorismo ou perderia o cargo. De repente ela foi confrontada com a questão da prática da verdade. Ela se negou a fazê-lo, pois não poderia ensinar o behaviorismo, e perdeu seu cargo. Isso é o que quero dizer com praticar a verdade quando custa caro. E isso acontecerá em muitos, muitos lugares e de muitas, muitas maneiras. Acontecerá na área da vida sexual, sendo rodeado por especialistas em sexo e sexualidade permissiva. Devemos ser cuidadosos em, pela graça de Deus, praticar o que a Bíblia ensina — o relacionamento entre um homem e uma mulher — ou destruiremos a verdade na qual dizemos crer. E essa prática incluirá a disciplina eclesiástica quando necessário.

Mas em nenhum lugar a prática da verdade é mais importante que na área de cooperação religiosa. Se dissermos que o cristianismo é realmente a verdade eterna, e que o teólogo liberal está errado — tão errado que ensina algo contrário à Palavra de Deus — e em seguida me disponho, sobre qualquer base (incluindo-se o evangelismo), a agir em público como se a posição religiosa desse homem fosse a mesma que a minha, terei destruído a prática da verdade que minha geração pode *esperar* de mim e que ela *exigirá* de mim caso eu tenha credibilidade. Como teremos *credibilidade* na era relativista, se praticarmos a cooperação religiosa com homens que deixam bem claro em seus livros e palestras não crer em nada (ou quase nada) do conteúdo apresentado na Escritura?

Incidentalmente, caso haja latitudinarianismo na cooperação religiosa, a próxima geração exigirá o mesmo na doutrina, e de forma específica uma fraqueza para com a Bíblia. Vemos isso acontecer também em parte do evangelicalismo. É preciso ter a coragem de tomar uma posição clara.

Mas sejamos cautelosos. Sem dúvida, não devemos tomar nossos pequenos distintivos secundários e elevá-los a ponto da recusa de comunhão em qualquer nível com quem não os sustenta. São os aspectos centrais da Palavra de Deus que fazem do cristianismo o cristianismo. Devemos sustentá-los com tenacidade, e, mesmo quando

nos for difícil e precisarmos chorar, devemos afirmar que não há só uma antítese de verdade, mas uma antítese observável na prática. Como resultado da lealdade ao Deus infinito e pessoal que intervém e que falou na Escritura, e como resultado da compaixão aos nossos jovens e outros, nós, evangélicos, não ousamos tomar uma posição de meio-termo a respeito da verdade e da prática da verdade.

Dessa forma, sobre o primeiro conteúdo há três coisas a reconhecer: primeira, deve haver uma forte ênfase sobre o conteúdo; segunda, deve haver forte ênfase na natureza propositiva da Bíblia, em especial dos primeiros capítulos de Gênesis; e terceira, deve haver forte ênfase na prática da verdade. Podemos falar sobre métodos, estimular uns aos outros, convocar uns aos outros à ação, mas a menos que isso esteja enraizado na forte base cristã na área do conteúdo e da prática da verdade, estaremos edificando sobre areia e adicionando confusão aos nossos dias.

CAPÍTULO DOIS: RESPOSTAS HONESTAS PARA PERGUNTAS HONESTAS

O segundo conteúdo é a veracidade do cristianismo, e o dever de dar respostas honestas para perguntas honestas. O cristianismo é verdade, verdade contada por Deus; e se é verdade, ela pode responder perguntas.

Verdade para cada aspecto da vida

Não há dicotomia na Bíblia entre os aspectos intelectual e cultural, de um lado, e espiritual, do outro. Muitas vezes, no entanto, há forte ênfase platônica no evangelicalismo, uma forte tendência a dividir o homem em duas partes — a natureza espiritual e tudo o mais. Devemos pegar essa concepção como um pedaço de barro cozido, quebrá-lo em nossas mãos, e jogar fora. Devemos rejeitar de modo consciente o elemento platônico adicionado ao cristianismo. Deus fez o homem todo; o homem todo é redimido em Cristo. E após nos tornarmos cristãos, o senhorio de Cristo se estende sobre o homem todo. Isso inclui os assim chamados aspectos espirituais e intelectuais, criativos e culturais; incluindo-se a lei, a sociologia e psicologia; inclui cada parte e porção do homem e do seu ser.

A Bíblia não sugere a existência de algo distintamente espiritual no homem, e que o restante do homem não tem relação com os mandamentos e as normas de Deus. Não há nada na Bíblia que diga: “Esqueça o intelectual, esqueça o cultural. Seguiremos a Bíblia na esfera espiritual, mas colocaremos o intelectual e criativo de lado. Eles não são importantes”.

Se o cristianismo é a verdade como a Bíblia alega, ele deve tocar cada aspecto da vida. Se eu desenho uma torta e essa torta abrange a totalidade da vida, o cristianismo tocará cada fatia da torta. Em cada esfera da nossa vida, Cristo será nosso Senhor e a Bíblia será nossa norma. Ficaremos sob a Escritura. Não é o caso do “espiritual” estar sob a Escritura enquanto o intelectual e criativo se encontram livres dela.

Considere o ministério de Paulo. Ele foi até os judeus, e o que aconteceu quando falou com eles? Eles lhe fizeram perguntas, e Paulo as respondeu. Ele foi aos gentios (não judeus), eles lhe fizeram perguntas, e Paulo as respondeu. Ele foi à praça, e ali seu ministério foi um ministério de debate, de dar respostas honestas a perguntas honestas. Paulo foi ao Areópago, e deu respostas honestas a perguntas honestas. Há três passagens na Bíblia em que Paulo conversou com o homem sem a Bíblia (isto é, os gentios) sem a presença do homem com a Bíblia (os judeus). A primeira foi em Listra, e

a discussão foi interrompida. Em seguida, nós o encontramos no Areópago, onde lhe fizeram perguntas, e Paulo as respondeu; ela também foi abreviada. Mas em um só lugar, felizmente, sua palavra não foi interrompida: nos dois primeiros capítulos do livro de Romanos. E lá se encontra o mesmo tipo exato de "argumentação" iniciada em Listra e no Areópago.

Muitos cristãos pensam que 1 Coríntios se posiciona contra o uso do intelecto, mas isso não acontece. O texto de 1 Coríntios fala contra a pretensa autonomia, que extrai a sabedoria do próprio conhecimento sem recorrer à revelação da Palavra de Deus. Devemos no opor de todo o coração ao intelectualismo humanista e racionalista — a sabedoria gerada no próprio homem em oposição ao ensino da Escritura. Paulo era contra o gnosticismo incipiente — que afirmava a possibilidade da salvação com base nesse conhecimento. Paulo respondeu perguntas. E dava resposta às perguntas onde quer que elas surgissem.

Considere o ministério do próprio Senhor Jesus. Como ele era? Não raro Jesus respondia perguntas. Evidentemente as perguntas eram diferentes das surgidas no mundo greco-romano; assim, o debate era de outro tipo. Mas no que concernia à sua prática, ele era o homem que respondia perguntas — sim, Jesus Cristo, o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, nosso Salvador e Senhor. Mas alguém dirá: "Ele não disse que para se salvar é preciso ser como uma criancinha?". É claro que ele disse. No entanto, você conhece alguma criancinha que não faz perguntas? As pessoas que se valem desse argumento talvez nunca tenham ouvido uma criancinha ou sido uma! Meus quatro filhos me deixavam mais em apuros com seu fluxo interminável de perguntas que o mundo universitário. Jesus não quis dizer que ser como uma criancinha significasse apenas dar um salto de fé em direção ao andar superior. Jesus estava dizendo que, ao receber a resposta adequada, a criancinha a aceita. Ela conta com a simplicidade de não ter uma rede embutida com a qual, de modo independente da validade da resposta, a rejeita. E é isso que faz o homem racionalista, o homem humanista.

Respondendo as questões da nossa geração

O cristianismo exige que tenhamos compaixão suficiente para aprendermos as questões da nossa geração. O problema com muitos de nós é o desejo da capacidade de responder a essas perguntas de imediato; seria como pegar um funil e colocá-lo na orelha, despejar os fatos, e, em seguida, sair, regurgitá-los e vencer todas as discussões. Isso é impossível. Responder perguntas é um trabalho árduo. É possível responder a todas as perguntas? Não, mas é preciso tentar. Comece a ouvir com compaixão. Procure conhecer as perguntas reais do homem e tente responder a elas. E se você não souber a resposta, tente ir a algum lugar, ou leia e estude para encontrar a resposta.

Nem todos são chamados para responder perguntas de intelectuais, mas quando se vai ao trabalhador de estaleiro a tarefa é similar. Meu segundo pastorado foi com trabalhadores de estaleiro, e digo-lhe que eles têm as mesmas perguntas que os homens da universidade. Eles apenas não as articulam da mesma maneira.

Respostas não são a salvação. A salvação é se curvar e aceitar Deus como Criador e Cristo como Salvador. Preciso me curvar duas vezes para me tornar cristão. Devo me curvar e reconhecer que não sou autônomo; sou uma criatura formada pelo Criador. E devo me curvar e reconhecer que sou um pecador culpado que precisa da obra consumada de Cristo para minha salvação. E aí deve ocorrer a obra do Espírito Santo. No entanto, estou falando sobre a responsabilidade de ter compaixão suficiente para orar e fazer o trabalho duro e necessário a fim de dar respostas às perguntas honestas. Claro que não devemos estudar só as questões culturais e intelectuais. Devemos estudá-las e a Bíblia, e pedir a ajuda do Espírito Santo nas duas tarefas.

Não é verdade que toda pergunta intelectual é um sofisma moral. Há questões intelectuais honestas, e alguém deve ser capaz de respondê-las. Talvez nem todos os membros de sua igreja ou do grupo de jovens sejam capazes de respondê-las, mas a igreja deveria treinar homens e mulheres que possam. Nossos seminários teológicos devem se comprometer com isso também. Isso faz parte da educação cristã.

O teste final da verdade

A Bíblia dá ênfase tremenda ao conteúdo com o qual a mente pode lidar. O texto de 1 João nos diz o que se deve fazer se um espírito ou um profeta bater à nossa porta hoje à noite. Se um profeta ou espírito bate à sua porta, como você sabe se ele procede ou não de Deus? Tenho um grande respeito pelo ocultismo, em especial depois das coisas que vimos e lutamos e combatemos em L'Abri. Se um espírito vier, como você o julgará? Ou se um profeta vier, como você vai julgá-lo? João diz: "Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo. Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus" (1Jo 4.1,2).

Por ser uma resposta muito profunda, ela conta com duas partes. Primeira, ela significa que a preexistência de Jesus, como segunda pessoa da Trindade, é eterna; e também que ele veio em carne. Quando um profeta ou um espírito se aproxima de vocês, o teste para sua aceitação ou rejeição não é a experiência propiciada pelo espírito ou pelo profeta. Tampouco decorre da intensidade da emoção proporcionada pelo espírito ou pelo profeta. Ela não é derivada de quaisquer manifestações exteriores realizadas pelo espírito ou pelo profeta. A base da aceitação do espírito ou do profeta — *e a base da comunhão cristã* — é a doutrina cristã. Inexiste outro teste final.

Satanás tem a capacidade de enganar, e ele o fará.

Não me oponho à emoção. É claro que a emoção deve existir. Digo apenas que não se deve confiar nas emoções, na força das emoções ou no impulso promovido pelas emoções geradas na presença de um espírito ou de um profeta. Isso não prova, nem por um momento, a procedência divina ou diabólica, ou se as emoções procedem do interior da própria pessoa. E o mesmo é verdade em relação à comunhão cristã. Elas devem ser testadas, diz a Palavra de Deus, no ponto em que a mente pode atuar, e isso com base na doutrina cristã.

Assim há dois conteúdos: o da clara posição doutrinária e o das respostas honestas às perguntas honestas. Agora desejo falar sobre duas realidades.

CAPÍTULO TRÊS: VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE

A primeira realidade é espiritual. Enfatizemos o que dissemos antes: cremos com todo o coração que a verdade cristã pode ser apresentada em proposições, e que qualquer um que diminua o conceito da proposicionalidade da Palavra de Deus está caindo nas mãos não cristãs do século XX. Mas, e esse é um grande e forte *mas*, o objetivo do cristianismo não é a repetição de meras proposições. Sem as proposições apropriadas não se pode ter o que deveria se seguir. Mas após ter as proposições corretas, o fim da matéria é amar a Deus de todo o coração, a alma e a mente. O fim das coisas, após sabermos sobre Deus na revelação que ele nos deu, em termos verbalizados e proposicionais, é estar em um relacionamento com ele. A ortodoxia morta e feia, sem a realidade espiritual verdadeira, deve ser rejeitada como subcristã.

A crise da realidade espiritual

Por volta de 1951 e 1952, passei por um período muito intenso na vida. Eu havia sido pastor durante dez anos e missionário por outros cinco, e estava ligado a um grupo que defendia com convicção a verdade das Escrituras. No entanto, quando parei para prestar atenção, tornou-se claro para mim que eu vi muito pouco da realidade espiritual. Tive de perguntar o motivo. Também olhei para mim mesmo e percebi que minha realidade espiritual não era tão formidável como logo após a conversão. Nessa época estávamos na Suíça, e eu disse à minha mulher: “Preciso pensar muito bem sobre isso”.

Em cerca de dois meses, comecei a andar pelas montanhas sempre que o tempo estava claro. Quando chovia, eu andava para trás e para frente no palheiro sobre nosso chalé. Eu penava, lutava e orava, e percorri todo o caminho de volta a meu agnosticismo. Perguntei a mim mesmo se havia motivo para eu deixar de ser agnóstico e me tornar cristão. Disse à minha mulher, que se isso não desse certo eu seria honesto e voltaria aos Estados Unidos e colocaria tudo de lado e faria outro trabalho.

Realidade momento a momento

Percebi que havia feito bem em me tornar cristão. Em seguida, continuei o processo, lutei com mais intensidade e perguntei: “Senhor, onde se encontra a realidade espiritual da maior parte do que se autointitula ortodoxia?”. E gradualmente encontrei algo. Encontrei algo que não me havia sido ensinado, uma coisa simples, mas profunda. Descobri o significado da obra de Cristo, o sentido do sangue de Jesus, momento a momento na nossa vida — depois de nos tornarmos cristãos — a obra subsequente de

toda a Trindade na nossa existência, pois somos habitação do Espírito Santo pelo fato de sermos cristãos. Essa é espiritualidade verdadeira.

Parti em direção a Dakota, e falei em uma conferência bíblica. O Senhor a usou, e ocorreu uma atuação real de Deus naquele lugar. Preguei ao voltar à Suíça. E gradualmente a pregação se transformou no livro *Verdadeira espiritualidade*. E quero lhes dizer de todo o meu coração: acho que poderíamos ter obtido todas as respostas intelectuais do mundo em L'Abri, mas se não fosse pelas batalhas em que Deus me concedeu algum conhecimento da realidade espiritual naqueles dias, não só em teoria, por mais pobre que fosse, mas conhecimento de um relacionamento com Deus momento a momento com base no sangue de Jesus Cristo, não creio que seria possível a existência de L'Abri.

Minimizamos o aspecto intelectual? Acabei de defender o aspecto intelectual e propositivo. Pleiteei contra as transigências doutrinárias, de modo específico sobre o ponto de a Palavra de Deus ser menos que a verdade propositiva em todo o trajeto até o primeiro versículo de Gênesis. Entretanto, ao mesmo tempo, deve existir a realidade espiritual.

Ela será prefeita? Não. Não acredito que a Bíblia diga que alguém será perfeito nesta vida. Mas pode ser real, e deve ser mostrada de alguma maneira medíocre. Digo *medíocre* por ter certeza de que ao chegarmos ao céu e olharmos para trás, veremos quão medíocre ela era. E, no entanto, deve haver alguma realidade. Deve haver algo real a respeito da obra de Cristo na vida a cada momento, algo real sobre o perdão de um pecado específico submetido ao sangue de Cristo, algo real no fato de Cristo frutificar por meu intermédio, causado pela habitação do Espírito Santo. Essas coisas devem estar ali. Não há nada mais feio no mundo todo, nada mais desanimador para as pessoas que a ortodoxia morta.

Esta, então, é a primeira realidade, a realidade espiritual real.

CAPÍTULO QUATRO: A BELEZA DOS RELACIONAMENTOS HUMANOS

A segunda realidade é a beleza dos relacionamentos humanos. O cristianismo verdadeiro produz beleza e verdade, em especial na área específica dos relacionamentos humanos. Leia o Novo Testamento cuidadosamente com isso em mente; observe com que frequência Jesus nos faz voltar a esse tema, repare quantas vezes Paulo fala dele. Precisamos mostrar algo ao mundo que nos assiste sobre a base dos relacionamentos humanos que temos com outras pessoas, não apenas com outros cristãos.

Hoje, os cristãos são as pessoas que entendem quem é o homem. O homem moderno se encontra em um dilema por não saber que o homem é qualitativamente diferente do não homem. Dizemos que o homem é diferente porque ele foi criado à imagem de Deus. Mas não podemos dizer que o homem foi feito à imagem de Deus, a menos que olhemos para Deus e, pela graça divina, tratemos todos os homens com dignidade. Nós nos opomos a Burrhus Frederic Skinner em seu livro *Beyond Freedom and Dignity* [*Além da liberdade e da dignidade*]. Mas não me atrevo argumentar contra o determinismo de Skinner se eu, em seguida, tratar os homens que encontro no dia a dia como menos que realmente feitos à imagem de Deus.

A beleza entre os não cristãos

Estou falando em primeiro lugar sobre não cristãos. O primeiro mandamento é amar o Senhor nosso Deus com todo o nosso coração, alma e mente, e o segundo é amar nosso próximo como a nós mesmos. Depois que Jesus ordenou isso, alguém disse: "Quem é o meu próximo?". Então Jesus contou a história do bom samaritano. Ele não estava falando apenas de tratar bem os cristãos; ele falava sobre o tratamento de cada homem que encontramos, todo homem que esteja em nosso estrato social ou não, cada homem que fale nossa língua ou não, cada homem que tenha a cor da nossa pele ou não. Todo homem deve ser tratado no nível de criatura feita à imagem de Deus e, assim haverá beleza nas relações humanas.

Essa atitude deve ocorrer em todos os níveis. Encontro um homem em uma porta giratória. Quanto tempo tenho com ele? Talvez dez segundos. Devo tratá-lo bem. Nós olhamos para ele. Não pensamos conscientemente em todos os casos de que esse homem foi feito à imagem de Deus, mas, tendo trabalhado em nossos ossos e em nossa consciência (bem como em nossa declaração doutrinária) que ele foi feito à imagem de Deus, vamos tratá-lo bem nos dez segundos que temos.

Aproximamo-nos de uma luz vermelha. Temos o mesmo problema. Talvez nunca mais vejamos essas pessoas na esquina de novo, mas devemos nos lembrar de que elas têm dignidade.

E quando chegamos aos relacionamentos mais longos — por exemplo, a relação empregador-empregado — devemos tratar cada pessoa com dignidade. O relacionamento entre marido e mulher, a relação pai e filho, a relação política, a econômica[4] — em todas as relações únicas da vida, na medida em que estou em contato com um homem ou uma mulher, às vezes mais curto e, por vezes, mais longo, ele (ou ela) deve ser tratado de tal forma que — homem ou mulher — se ele (ou ela) for capaz de raciocinar, dirá: "Ele não me tratou bem?".

O que dizer sobre os teólogos liberais? Sim, devemos nos opor à sua teologia. Devemos praticar a verdade, sem fazer concessões. Devemos insistir na antítese à sua teologia. No entanto, mesmo que não possamos cooperar com eles no aspecto religioso, devemos tratar os teólogos liberais de tal maneira que tentemos, de nossa parte, levar o debate para o círculo de relacionamentos verdadeiramente humanos. Podemos fazer essas duas coisas com nossa força? Não. Mas, no poder do poder do Espírito Santo, isso pode ser feito. Podemos ter a beleza das relações humanas, mesmo quando precisamos dizer não.

A beleza entre os cristãos

Se nós somos chamados a amar o próximo como a nós mesmos quando ele não é cristão, quanto mais — dez mil vezes dez mil vezes mais — beleza deve haver nas relações entre cristãos verdadeiros, crentes na Bíblia, algo tão bonito que cativaria o mundo em pouco tempo! Devemos manter nossas distinções. Alguns de nós são batistas, alguns de nós mantêm o batismo infantil, alguns de nós são luteranos, e assim por diante. Mas para os verdadeiros cristãos de todos os matizes que creem na Bíblia, em todos os campos, eu enfatizo: caso não demonstremos beleza na forma como tratamos uns aos outros, então, aos olhos do mundo e aos olhos de nossos filhos, estaremos destruindo a verdade que proclamamos.

Toda grande empresa, caso construa uma fábrica enorme, faz em primeiro lugar uma planta, a fim de demonstrar que seu plano funcionará. Cada igreja, missão, escola e grupo cristão, de modo independente de onde se encontre, deve ser uma planta para que o mundo olhe e perceba a beleza das relações humanas em contraste exato com a horrível feiura com que os homens modernos pintam sua arte, o que eles fazem com suas esculturas, o que mostram no cinema, e como tratam uns aos outros. Os homens devem ver na igreja a alternativa ousada ao modo que os homens modernos tratam as pessoas — como animais e máquinas. Deve haver algo tão diferente que eles venham

ouvir, algo tão diferente que lhes recomendará o evangelho.

Todos os grupos deveriam ser assim, e as relações entre nossos grupos deveriam ser dessa maneira. Mas elas são? Muitas vezes a resposta é não. Temos algo a pedir ao Senhor que nos perdoe. Nós evangelicais, cristãos que cremos de verdade na Bíblia, devemos pedir a Deus para que nos perdoe a feiura com a qual temos repetidas vezes nos tratado quando nos encontramos em campos diferentes.

Falo agora sobre a beleza, e escolhi essa palavra com cuidado. Eu poderia chamá-lo amor, mas rebaixamos tanto a palavra que não raro ela perde o sentido. Então eu uso a palavra beleza. Deve haver beleza, beleza observável, para que o mundo veja como todos os verdadeiros cristãos se tratam.

Ortodoxia de doutrina e comunidade

Precisamos de duas ortodoxias: em primeiro lugar, da ortodoxia da doutrina e, em segundo, da ortodoxia da comunidade. Por que a igreja primitiva foi capaz, no período de um século, de se espalhar do rio Indo[7] até a Espanha? Pense nisso: em um século, da Índia a Espanha. Quando lemos Atos e as epístolas, descobrimos que a igreja *dispunha* das duas ortodoxias e as *praticava* (doutrina e comunidade), e isso podia ser observado pelo mundo. Assim, eles revelavam o evangelho ao mundo de seu tempo, e o Espírito Santo não era ofendido.

Há uma tradição (que não se encontra na Bíblia) de que o mundo dizia a respeito dos cristãos da igreja primitiva: "Vejam como eles se amam". Quando lemos Atos e as epístolas, percebemos que esses primeiros cristãos realmente se esforçavam para se tornar uma comunidade praticante. Percebemos que uma das marcas da igreja primitiva era a verdadeira comunidade, uma comunidade que fazia o necessário para cuidar dos seus membros em suas necessidades materiais.

Nossas igrejas evangelicais já consistem nesse tipo de comunidade? Sou obrigado a dizer não — de modo geral, não. Nossas igrejas não raro são duas coisas: pontos de pregação e fontes de atividades. Quando uma pessoa realmente se encontra extremamente desesperada em matéria de questões raciais, dificuldades econômicas ou psicológicas, ela naturalmente espera encontrar uma comunidade que a apoie em nossas igrejas? Precisamos dizer, muitas vezes com lágrimas: não!

Minha igreja favorita em Atos e em toda a história é a de Antioquia. Amo a igreja de Antioquia. Recomendo a releitura a seu respeito. Algo novo aconteceu ali: os judeus, fantásticos e orgulhosos, que desprezavam os gentios (havia certo antigentilismo entre os judeus, da mesma forma que tantas vezes, infelizmente, houve antissemitismo entre os gentios) fizeram certo progresso. Eles não podiam ficar em silêncio e contaram

a seus vizinhos gentios a respeito do evangelho, e, de repente, com base no sangue de Cristo e na verdade da Palavra de Deus, o problema racial foi resolvido. Havia cristãos de origem judaica e gentílica, e eles se tornaram apenas um!

Mais que isso, houve uma extensão total do espectro social. Não somos informados de forma específica se havia escravos na igreja de Antioquia, mas sabemos de sua existência em outros lugares, e não há nenhuma razão para pensar que eles não existiam em Antioquia. Sabemos pelo registro de Atos que havia um irmão adotivo de Herodes nessa igreja. O homem no topo da pirâmide social e o homem da base se encontravam na igreja do Senhor Jesus Cristo, e eram apenas um na beleza dos relacionamentos humanos.

E eu gosto dela por outro motivo. Havia um homem chamado Níger naquela igreja, e seu nome significa "negro". Era mais do que provável que ele fosse negro. A igreja de Antioquia, com base no sangue de Cristo recebe todas as pessoas. Havia uma beleza que o mundo greco-romano desconhecia — e o mundo passou a observar. Em seguida houve a pregação do Evangelho. Em uma geração a igreja se propagou do rio Indo até a Espanha. Se quisermos tocar nossa geração, não devemos ser menos que isso.

Gostaria de enfatizar mais uma vez que essa comunidade viveu muitas fases no que diz respeito aos bens materiais. Não há *comunismo*, como o conhecemos hoje, no livro de Atos. Pedro deixou muito claro para Ananias e Safira que sua terra lhes pertencia, e quando eles a venderam permaneciam os senhores do que fazer com o dinheiro. Nenhuma lei estatal ou eclesiástica e nenhum tipo de legalismo lhe foram impostos. O que existia na igreja primitiva era um amor tão grande que as pessoas não conseguiam imaginar que na igreja do Senhor Jesus um homem passasse fome e outro fosse rico. Quando a igreja de Corinto caiu nesse engano, Paulo foi contundente em 1 Coríntios, ao escrever contra isso.

Observe, também, que foram nomeados diáconos. Por quê? Porque a igreja estava em dificuldade para cuidar das necessidades uns dos outros. Leia Tiago 2. Tiago pergunta: "O que você está fazendo ao pregar o evangelho a um homem e tenta estabelecer um bom relacionamento espiritual com ele se ele precisa de sapatos e você não lhe dá os sapatos?". Eis outro lugar em que o elemento platônico terrível na igreja evangélica tem sido tão predominante e mortal. Considera-se espiritual contribuir para missões, mas não é igualmente espiritual ajudar o irmão carente de sapatos. Isso não se encontra na Palavra de Deus. É claro que a igreja primitiva contribuía para as missões; às vezes os membros contribuíram financeiramente para que Paulo não precisasse fazer tendas. Mas Paulo não faz distinção entre coletas para missões e para as necessidades materiais, como se uma fosse espiritual e a outra não. Na maior parte das vezes em que Paulo falou sobre temas financeiros, ele o fez porque existia um grupo de cristãos em algum lugar que passava por necessidades materiais, e Paulo, então, chamava outras

igrejas para ajudar.

Além disso, não era só na igreja local que os cristãos se importavam com as necessidades uns dos outros; eles o fizeram mesmo a grandes distâncias. A igreja da Macedônia, composta por cristãos gentios, ao ouvir que os cristãos judeus, os judeus a quem eles haviam desprezado antes, passavam necessidades materiais, levantaram uma oferta e a enviaram com cuidado a centenas de quilômetros de distância, para que os cristãos judeus pudessem comer.

Assim, devem existir duas ortodoxias: a ortodoxia da doutrina e da ortodoxia da comunidade. E ambas as ortodoxias devem ser praticadas na trama e urdidura da vida, onde o senhorio de Jesus toca todas as áreas da nossa existência.

Assim, são quatro os requisitos se quisermos atender às necessidades da nossa geração. São dois conteúdos e duas realidades. [O primeiro conteúdo é a "sã doutrina"; o segundo consiste em "respostas honestas para perguntas honestas"; a primeira realidade é a "verdadeira espiritualidade"; e a segunda realidade é "a beleza dos relacionamentos humanos".] E quando existirem os dois conteúdos e as duas realidades, começaremos a ver algo profundo acontecer em nossa geração.

SOBRE O LIVRO:

A Bíblia fala aos problemas reais de pessoas reais no mundo real? Ela oferece soluções viáveis a esses problemas? Você pode pesar a evidência e decidir por si mesmo com a ajuda desses 25 estudos bíblicos, que mostram o que a Bíblia de fato ensina a respeito das questões mais fundamentais sobre Deus.

Compilados e escritos por um dos maiores pensadores modernos do cristianismo, este livro dá ênfase às passagens bíblicas sobre as doutrinas centrais do cristianismo — como a Criação, o pecado do homem e a graça divina, a pessoa e obra de Cristo, os acontecimentos futuros — e explica com brevidade como cada passagem apoia o ensino bíblico sobre cada tema. Todas as informações se encontram ali. Estabelecidas de forma simples. Assim você pode ver por si mesmo o que a Bíblia diz — nas palavras do próprio Deus.

Este livro também inclui "Dois conteúdos, duas realidades", o ensaio de Schaeffer sobre as quatro coisas que o cristão precisa fazer para causar impacto na geração atual. Juntas, essas duas obras servem para mostrar a coerência e credibilidade das Escrituras e sua relevância para as questões críticas da vida.

Dr. Francis A. Schaeffer foi um dos pensadores mais influentes dos nossos dias. Seus 23 livros foram traduzidos para diversos idiomas e distribuídos aos milhões em todo o mundo. Antes de sua morte em 1984, Schaeffer fazia palestras com frequência em importantes universidades, expondo sem concessões a verdade do cristianismo histórico e bíblico e sua relevância para a totalidade da vida.

Udo W. Middelmann continua a obra de Schaeffer como diretor da Fundação Francis A. Schaeffer [Francis A. Schaeffer Foundation].

---

[1] São Paulo: Cultura Cristã, 2002. [N. do T.]

[2] O dr. Schaeffer expressa neste livro, e em especial no presente capítulo, certas opiniões peculiares à sua visão escatológica: pré-milenarismo histórico. O leitor desejoso de consultar a visão pós-milenarista sobre essas questões deve consultar, entre outros, os seguintes livros: *Teu é o reino*, *Pós-milenarismo para leigos* e *Será que Jesus virá em breve?*, todos publicados pela Editora Monergismo. [N. do E.]

[3] Publicado em português com o título: *O Deus que intervém* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

[4] Publicado em português com o título: *A morte da razão* (Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014).

[5] Publicado em português com o título: *O Deus que se revela* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

[6] Publicado em português com o título: *Verdadeira espiritualidade* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008).

[4] A necessidade de um uso compassivo da riqueza acumulada é abordada em *How Should We Then Live?* (*Como viveremos?*).

[7] O Indo é um dos maiores rios do mundo, cortando o coração das mais altas cordilheiras da Terra: o Himalaia, o Caracórum e o Hindu Kush. [N. do E.]